



Título do original em francês Notre-Dame de Paris

2001 Éditions Hemma

2005 Larousse do Brasil

Gerente editorial Soraia Luana Reis

Assistente editorial Renata Nakano

Adaptação Marie-Françoise Perat

Tradução Cristianne Lameirinha

Coordenação editorial,

Adaptação em português e textos suplementares Wellington Andrade

Assistente editorial Rodrigo Antônio

Revisão Juliana Jardim e Renata Nakano

Projeto gráfico e diagramação Werner Schulz

Capa Light Criação e Comunicação Ltda.

Produção gráfica Fernando Borsetti

Hugo, Victor, 1802-1885.

O Corcunda de Notre-Dame

Sumário

Capítulo 1 A grande sala

Capítulo 2 Esmeralda

Capítulo 3 O jarro quebrado

Capítulo 4 As boas almas

Capítulo 5 A magistratura

Capítulo 6 O buraco dos ratos

Capítulo 7 Uma lágrima por uma gota d'água

Capítulo 8 Fatalidade

Capítulo 9 A moeda transformada em folha seca

Capítulo 10 A mãe

Capítulo 11 Corcunda, caolho, manco

Capítulo 12 Gringoire tem boas idéias

Capítulo 13 Viva a alegria

Capítulo 14 Châteaupers vem em socorro Por dentro do texto

CAPÍTULO 1

A grande sala

No dia 6 de janeiro de 1482, os parisienses acordaram ao som de todos os sinos soando com força na cidade. O que emocionava o povo era a celebração do Dia de Reis e da Festa dos Loucos. Haveria fogueiras na Praça da Greve, a plantação de uma árvore na Capela de Braque e a representação de um mistério — a forma teatral mais popular da época — no Palácio da Justiça.

A multidão de burgueses movimentava-se por todas as direções desde a manhã e as casas e as lojas estavam fechadas nas proximidades de cada um dos locais dos festejos. Deve-se dizer que a maior parte das pessoas dirigia-se ou para as fogueiras, muito comuns naquela época, ou à representação teatral.

A peça começaria apenas ao soar a décima segunda badalada do meio-dia no relógio do Palácio e seria representada sobre uma plataforma com muitos ornamentos dourados. Já era tarde para um espetáculo teatral, no entanto, a platéia o aguardava desde a manhã, aumentando sem cessar. O desconforto, a impaciência, as brigas que ocorriam constantemente e a fadiga de uma longa espera davam um clima ácido e amargo ao murmúrio da multidão encurralada, irritada e sufocada.

Ouviam-se apenas reclamações e maldições contra os embaixadores flamengos que haviam chegado há dois dias para preparar o casamento do delfim (como eram chamados os príncipes herdeiros) com a princesa Margarida de Flandres. Falava-se mal também do chefe dos comerciantes, do cardeal de Bourbon, do meirinho do Palácio, dos sargentos, do frio, do calor, do mau tempo, do Papa dos Loucos, do bispo de Paris, dos pilares, das estátuas, desta porta fechada, daquela janela aberta, de tudo, enfim.

Bandos de estudantes espalhados pela multidão misturavam ao descontentamento geral suas caçoadas e malícias, espetando, por assim dizer, com golpes de alfinete o mau humor geral. Houve um grupo mais exaltado que, após quebrar os vidros de uma janela, sentou-se audaciosamente sobre o parapeito e dali lançava, alternadamente, olhares e gozações para a multidão do salão e da praça.

Por suas paródias e risos ruidosos e pelos nomes zombeteiros com os quais eles se chamavam, era fácil constatar que esses estudantes não partilhavam o cansaço do restante do público. Eles sabiam muito bem transformar o que tinham diante dos olhos em um espetáculo tão prazeroso quanto aquele pelo qual aguardavam.

Todos gritavam e se cumprimentavam e assim que o irmão do magistrado do Palácio, Gilles Lecornu, apareceu, explodiram gracejos contra ele, que, suando e bufando, perdeu a calma:

— Que horror estudantes dizerem tais coisas a um burguês! No meu tempo, eles teriam sido castigados com um feixe de varas e queimados em seguida.

A alegria e a zombaria tornaram-se mais intensas. Enfim, soou meio-dia e o tumulto deu lugar ao silêncio. Todos os olhares se moveram em direção ao palco, mas ninguém surgiu sobre ele. Desta vez, era demais.

Esperou-se um, dois, três minutos, um quarto de hora e nada se passou. A plataforma continuava deserta; o teatro, mudo. No entanto, a impaciência foi seguida pela cólera. Os comentários irritados circulavam, ainda em voz baixa, é verdade. "O mistério! O mistério!", murmurava-se surdamente. As cabeças se agitavam e um clima de revolta, que ainda apenas ressoava, pairou sobre a multidão.

— Saquear! Saquear! — ouviu-se por toda parte.

Neste instante, a cortina do fundo foi levantada, dando passagem a um personagem

que anunciou que iria representar o papel de Júpiter na peça:

— Assim que o eminentíssimo cardeal chegar, nós começaremos.

Mas sua voz se perdeu numa tempestade de vaias.

— Comecem o mistério, agora! — gritou o público.

A cólera popular estava prestes a explodir com violência redobrada, quando um personagem que era ninguém menos do que o autor da peça, Pierre Gringoire, tomou o lugar de Júpiter e deu-lhe ordem de começar imediatamente.

— Viva! — gritou o público.

Houve um som de palmas ensurdecedor e Júpiter entrou pela cortina, deixando para trás o salão a tremer com os aplausos. Logo, então, pôde-se admirar a peça, intitulada "A provação da Virgem", uma obra muito bonita.

O público escutava com atenção, quando, de repente, bem no meio de uma cena, a porta da plataforma reservada, que até aquele momento estava fechada, se abriu e uma voz retumbante anunciou:

— Sua Eminência, o cardeal de Bourbon.

Pobre Gringoire! De tudo o que ele poderia temer, aconteceu o pior. A entrada de Sua Eminência pôs o auditório de pernas para o ar. Todas as cabeças se voltaram para a plataforma e nada mais se pôde ouvir.

— O cardeal! O cardeal! — repetiram todas as bocas.

Sua Eminência, então, parou um momento na entrada da plataforma e, enquanto olhava indiferente para o auditório, o tumulto aumentou. Todos queriam vê-lo melhor, mas só conseguiam aqueles que podiam colocar a cabeça sobre o ombro do vizinho.

O cardeal entrou, saudou o público e se dirigiu a passos lentos à sua poltrona de veludo vermelho, com um ar de estar pensando em outra coisa. Seu cortejo de bispos e abades

apareceu em seguida, não sem um aumento ainda maior do tumulto e da curiosidade.

Após o cardeal de Bourbon, chegaram, dois a dois, os enviados do Duque da Áustria. Não era mais possível pensar no espetáculo teatral e o pobre Gringoire ficou agitado, sem poder, imediatamente, juntar-se aos comediantes e reconduzir a atenção ao que acontecia em cena.

Entre os recém-chegados destacavam-se os burgueses flamengos, ao mesmo tempo dignos e severos, de famílias parecidas com aquelas a quem o pintor Rembrandt retratou com tanto talento no quadro Ronda noturna. Estavam ali, entre outras pessoas, Guillaume Rym e Jacques Coppenole. Este último, um burguês que não negava a origem humilde — era fabricante de meias —, chamou a atenção de todos desde que se pôs a falar com familiaridade a um mendigo chamado Clopin Trouillefou. O pedinte subira num galho ao lado do palco, sem se preocupar com o protocolo, de onde gritava várias vezes:

— Caridade, pelo amor de Deus.

Tudo ia de mal a pior, porque Jacques Coppenole, enquanto os atores retomavam seus papéis, levantou-se de repente e se pôs a discursar para o público:

— Senhores burgueses e fidalgos de Paris, o que fazemos aqui? Vejo sobre este palco atores fingindo que querem brigar. Não sei se é a isto que os senhores dão o nome de mistério, mas não é divertido. Eles brigam com palavras e mais nada. Já faz um quarto de hora que aguardo o primeiro golpe e nada acontece. São covardes que se arranham apenas com injúrias. Deviam fazer vir lutadores de Londres ou de Roterdã e, no momento certo, os senhores teriam socos que ouviríamos da praça. Não está acontecendo aquilo que me haviam dito que ocorreria. Prometeram-me uma Festa dos Loucos, com eleição do papa. Nós também temos nosso Papa dos Loucos em Gand e nisso não estamos atrás, mas vejam como fazemos. Reunimo-nos em multidão, como aqui. Depois, cada um mostra a cabeça através de um buraco e faz uma careta aos outros. Aquele que fizer a careta mais feia é aclamado por todos e eleito papa. É muito

divertido. Os senhores desejam que nós façamos a eleição de seu papa da mesma forma que em meu país?

Gringoire quis protestar, mas a indignação e a ira lhe tiraram a voz. Aliás, a proposta do fabricante de meias foi acolhida com tal entusiasmo pelos burgueses, lisonjeados por terem sido tratados como fidalgos que qualquer resistência seria inútil.

Num piscar de olhos, estava tudo pronto para a execução da idéia de Coppenole. Burgueses e estudantes colocaram mãos à obra: a pequena capela situada diante da mesa de mármore foi escolhida para ser o teatro de caretas e uma vidraça quebrada do vitral sobre a porta deixou livre um círculo de pedra através do qual se decidiu que os participantes enfiariam a cabeça. Para isso, era necessário apenas subir em dois tonéis, empoleirados um sobre o outro, que haviam sido trazidos não se sabe de onde.

Combinou-se que cada candidato, homem ou mulher (porque poderíamos ter uma papisa), deveria cobrir o rosto, permanecendo escondido dentro da capela até o momento de fazer sua aparição. Em menos de um instante, o lugar estava cheio de competidores, atrás dos quais a porta foi fechada.

As caretas começaram. A primeira figura que surgiu na janela, com os olhos revirados, a boca escancarada e a testa enrugada fez com que explodisse uma gargalhada interminável. Uma segunda e uma terceira careta se sucederam, depois outra e mais outra e sempre os risos e as alegres batidas de pés no chão aumentavam.

De repente, uma tempestade de aplausos, misturada a uma aclamação prodigiosa, aconteceu. O Papa dos Loucos havia sido eleito.

— Viva! Viva! — gritaram as pessoas por toda parte.

Era uma careta maravilhosa que irradiava no buraco do vitral. Após todas as figuras extravagantes que se sucederam na janela, nenhuma outra poderia conseguir os votos além da

careta sublime que acabara de deslumbrar o público. O próprio Coppenole aplaudiu.

A aclamação foi unânime. Uma multidão entrou na capela e fez com que saísse em triunfo o afortunado Papa dos Loucos, mas foi neste momento que a surpresa e a admiração atingiram o ápice. A careta era o próprio rosto, ou melhor, a pessoa toda era uma horrível careta: uma cabeça grande ouriçada de cabelos ruivos; entre os dois ombros, uma Corcunda enorme da qual o contragolpe se fazia sentir na parte frontal de seu corpo; um sistema de coxas e de pernas tão estranhamente tortas que se tocavam apenas por meio dos joelhos; pés grandes, mãos monstruosas e, apesar da deformidade, uma aparência formidável de vigor, agilidade e coragem. Poderíamos dizer que se tratava de um gigante que se partira, tendo sido mal colado. Assim era o Papa que os Loucos acabavam de escolher.

— É Quasímodo, o sineiro! — gritaram. — É Quasímodo, o Corcunda de Notre-Dame! Quasímodo, o caolho! Quasímodo, o aleijado! Viva!

Estamos vendo que o infeliz tinha sobrenomes de sobra para escolher. Quasímodo, objeto do tumulto, mantinha-se na porta da capela, de pé, triste e sério, e se deixava admirar.

Um estudante, Robin Poussepain, veio rir diante de seu nariz, e muito perto. O Corcunda limitou-se a levantá-lo pela cintura e a atirá-lo a dez passos de distância através da multidão, sem dizer uma só palavra.

Todos os mendigos e ladrões aos quais se juntaram os estudantes foram em procissão buscar no armário do tribunal a tiara de papel e a patética e grosseira veste de pele de ovelha do Papa dos Loucos. Quasímodo se deixou vestir sem pestanejar, com uma certa docilidade orgulhosa. Em seguida, colocaram-no sentado numa cadeira colorida que doze oficiais da Confraria dos Loucos levantaram em seus ombros. Então, uma alegria amarga e arrogante floresceu na face carrancuda daquela espécie de monstro mitológico, quando ele viu sob seus pés disformes todas as cabeças de belos homens, eretos e bem feitos.

Depois, a procissão estridente se colocou a caminho para fazer, de acordo com o costume, o passeio pelo interior das galerias do Palácio, antes de desfilarem pelas ruas e cruzamentos. A multidão saiu à rua e neste momento outros gritos ressoaram:

— Esmeralda! Esmeralda! Ela está lá! Ela está lá!

— O que isto quer dizer: Esmeralda? — perguntou o único espectador da peça, Pierre Gringoire, desolado.

É preciso dizer que durante a eleição, a encenação do mistério continuou, pois os atores e Gringoire não interromperam a obra. Um brilho de esperança ressurgiu quando o autor viu o Papa dos Loucos e seu cortejo ensurdecido saírem ruidosamente do salão, mas, infelizmente, aquela multidão era o público e, num piscar de olhos, o grande salão ficou vazio...

Era o último golpe e Gringoire recebeu-o com resignação.

— Azar de quem não assistiu a uma obra sublime! — disse aos atores. — Se eu for pago, acerto as contas com vocês.

CAPÍTULO 2

Esmeralda

Quando Gringoire saiu do Palácio, as ruas já estavam às escuras e a noite o agradou. Ele ansiava caminhar para meditar à vontade sobre o fracasso da representação teatral. Além disso, não ousava voltar para casa, pois contava com o pagamento que receberia pela peça para saldar os seis meses de aluguel que devia ao proprietário do imóvel. Depois de refletir por um momento, lembrou-se de ter visto na semana anterior, na porta de um conselheiro do Parlamento, um banco de pedra. Na ocasião, ele disse para si mesmo que aquela pedra seria,

oportunamente, um excelente travesseiro para um mendigo ou para um poeta.

Ele agradeceu à Providência por Ihe ter enviado esta boa idéia, mas, como se preparava para cruzar a Praça do Palácio, viu a procissão do Papa dos Loucos atravessar seu caminho novamente, com altos brados e um grande clarão de tochas. Esta visão reavivou as feridas de seu amor próprio e ele partiu. No amargor de sua desventura dramática, tudo que lembrasse a festa do dia o exasperava e fazia sangrar sua ferida.

Gringoire quis atravessar a ponte Sant-Michel, onde crianças corriam aqui e ali com rojões. Mais adiante, a multidão admirava bandeiras sobre as quais o pintor Jehan Fourbault havia desenhado o retrato do rei, do delfim e de outros personagens importantes. "Feliz pintor Jehan Fourbault!", pensou Gringoire com um grande suspiro e deu as costas às bandeirolas.

Ele encontrou uma rua diante de si e a achou tão escura e tão abandonada que acreditou que ali poderia escapar de todas as influências da festa. Caminhou por ela e chegou à margem do rio Sena. Depois de andar ao longo do grande muro dos jardins naquela praia não calçada onde a lama atingia o tornozelo, ele chegou a um ponto de onde observou durante algum tempo uma pequena ilha.

A ilhota na sombra parecia uma massa negra e nela percebia-se o reflexo de uma pequena luz que emanava da cabana do barqueiro solitário que lá se abrigava durante a noite.

"Feliz barqueiro!", pensou Gringoire, "Você não busca a glória. De que Ihe importam os reis que se casam e as duquesas da Borgonha? Você não conhece outras margaridas além das que planta em seu gramado. Já eu, poeta, sou vaiado e treme de frio. A sola de meus sapatos é tão transparente que poderia servir de vidro para sua lanterna. Obrigado! Sua cabana descansa minha vista e me faz esquecer de Paris!"

O poeta despertou deste devaneio por um grande fogo de artifício duplo que partiu repentinamente da cabana abençoada. Era o barqueiro que, à sua maneira, participava das

festividades do dia, soltando um rojão.

O rojão arrepiou a pele de Gringoire.

— Maldita festa — gritou ele — que irá me perseguir por toda parte! Ah, meu Deus! Até nesta pequena ilha quase deserta!

Em seguida, ele observou o rio Sena a seus pés e uma terrível sensação invadiu-lhe o corpo:

— Com que boa vontade eu me afogaria se a água não estivesse tão fria!

Então, surgiu nele uma resolução desesperada. Já que não podia escapar do Papa dos Loucos, das bandeiras do pintor Jehan Fourbault e dos fogos de artifício, que mergulhasse bravamente no próprio coração da festa e fosse para a Praça da Greve!

"Pode ser", pensou, "que eu consiga uma centelha de fogueira para me aquecer e até mesmo jante por lá."

Quando Pierre Gringoire chegou à Praça da Greve, congelava de frio. Ele havia evitado a multidão e as bandeirolas de Jehan Fourbault, mas as rodas de todos os moinhos pelos quais passou o haviam molhado, encharcando sua blusa.

Ele apressou-se em se aproximar da fogueira que queimava magnificamente no meio da praça, mas uma multidão considerável estava à sua volta. Examinando mais de perto, percebeu que o círculo era grande demais para que todos desejassem se aquecer no fogo e que este grupo de espectadores não fora atraído unicamente pela beleza dos galhos que queimavam.

Num vasto espaço deixado livre entre a multidão e a fogueira, uma moça dançava. Ela não era grande, mas parecia, de tanto que sua pequena figura se lançava aos movimentos. Era morena, mas percebia-se que durante o dia sua pele devia ter o reflexo dourado das mulheres espanholas ou italianas. Seus pés pequenos dançavam à vontade nos sapatos graciosos. Ela

girava e se contorcia sobre um velho tapete persa e, cada vez que a face radiante passava diante de alguém, seus grandes olhos negros atiravam um raio.

Em torno dela, concentravam-se olhares fixos e bocas entreabertas. Enquanto ela dançava assim ao som do tambor, os braços se elevavam acima da cabeça pequena, frágil e viva como uma vespa, com seu corpete de ouro, seu vestido colorido, seus cabelos negros, seus olhos de chamas. Com efeito, ela era uma cigana!

"Na verdade", pensou Gringoire, "é uma deusa".

Neste momento, uma das tranças dos cabelos da "divindade" desprendeuse e um pedaço de cobre amarelo rolou por terra.

— Oh, não! — ele exclamou. — É uma cigana!

Toda ilusão havia desaparecido, pois ela de fato era uma cigana.

Entre os rostos que o fogo tingia de escarlate, havia um que parecia absorvido pela contemplação da dançarina mais que todos os outros. Era severo, calmo e sinistro. Este homem, cujos trajes estavam escondidos pela multidão que o cercava, não parecia ter mais que trinta e cinco anos e, no entanto, era careca. As têmporas mal sustentavam alguns raros tufo de cabelo, já brancos. A testa larga e alta começava a se encher de rugas, mas nos olhos fundos brilhava uma juventude extraordinária. Ele os mantinha sem cessar presos à cigana e, enquanto a moça de dezesseis anos dançava e esvoaçava para o prazer de todos, seus devaneios tornavam-se cada vez mais sombrios.

A jovem, sem fôlego, enfim parou e o povo a aplaudiu.

— Djali — disse a cigana.

Gringoire viu, então, chegar uma pequena cabra branca, alegre e lustrosa, com chifres dourados, pés dourados e uma coleira dourada.

— Djali — disse a dançarina —, é sua vez. Sentando-se, ela apresentou graciosamente

seu tambor à cabra.

— Djali — continuou —, em que mês nós estamos?

A cabra levantou a pata dianteira e bateu uma única vez no tambor. Realmente, era o primeiro mês do ano e a multidão aplaudiu.

— Djali — prosseguiu a cigana —, em que dia do mês estamos?

O animal levantou o pé dourado e bateu seis vezes no tambor.

— Djali — continuou a cigana, sempre com um novo truque ao bater o tambor —, que horas são?

A cabra bateu sete vezes. No mesmo momento, o relógio da Casa dos Pilares soou sete horas e a multidão maravilhou-se.

— Isto é bruxaria — disse a voz sinistra do homem careca que não tirava os olhos da cigana, no meio da multidão.

A moça recuou e se virou.

— Sacrilégio! Profanação! — recomeçou a voz. A cigana se virou mais uma vez.

— Ah, só podia ser este homem repulsivo!

Em seguida, esticando o lábio inferior para além do lábio superior, ela fez um pequeno beijo com o qual parecia estar familiarizada, deu uma pirueta sobre o calcanhar e se pôs a recolher em seu tambor as doações da multidão.

De repente, passou diante de Gringoire. Este colocou a mão tão irrefletidamente no bolso que ela parou.

— Droga! — disse o poeta, encontrando no fundo do bolso a realidade, ou seja, o vazio.

No entanto, a moça permaneceu ali, estendendo-lhe o tambor e esperando. Gringoire suave, e, felizmente, um acontecimento inesperado veio em seu socorro.

— Vá embora, gafanhoto do Egito! — disse uma voz ácida que partiu do canto mais

escuro da praça.

A moça virou-se, amedrontada. Não era mais a voz do homem e, sim, uma voz feminina, que repetiu:

— Suma daqui, gafanhoto do Egito!

— É a enclausurada da Tour-Roland! — gritaram algumas crianças, em tom de gozação.

— Por que será que ela está nervosa? Será que ainda não jantou?

Gringoire aproveitou-se do problema da dançarina para desaparecer. O clamor das crianças lembrou-o de que ele também não havia jantado. Coisa inoportuna é dormir sem comer. Menos agradável ainda é não jantar e não saber onde dormir. O poeta estava nesta situação: sem dinheiro, sem pão, sem lar.

Pensava ele sobre esta triste condição, quando um canto cheio de doçura, arrancou-o de sua melancolia: era a jovem egípcia novamente, que desta vez cantava. A voz era como sua beleza: fascinante, pura, etérea.

As palavras que ela cantava eram de uma língua desconhecida por Gringoire e ele as escutava encantado. Depois de várias horas, este era o primeiro momento em que ele não sofria, pena que tenha durado tão pouco! A mesma voz de mulher que havia interrompido a dança da cigana também veio interromper-lhe o canto.

— Quer se calar, cigarra do mal! — ela gritou novamente do canto escuro da praça.

A pobre "cigarra" parou de súbito e Gringoire tapou os ouvidos.

— Ah! — disse ele. — Maldita serra sem corte que interrompe este canto doce.

Os outros espectadores murmuraram:

— Cale-se, velha estúpida!

E ela poderia ter se arrependido das agressões contra a cigana, se eles não se distraíssem nesse exato momento pela passagem do Papa dos Loucos, que, após ter percorrido

muitas ruas e cruzamentos, desembocava na Praça da Greve com todas as suas tochas.

A procissão que partiu do Palácio organizou-se ao longo do caminho, recrutando todos os ladrões, vadios e mendigos disponíveis de Paris — o que lhe dava um aspecto bizarro.

No centro da multidão, os grãos-oficiais da confraria dos Loucos carregavam nos ombros uma cadeira cheia de velas no meio da qual resplandecia sentado, com todos os aparatos, o novo Papa dos Loucos: o tocador dos sinos de Notre-Dame, Quasímodo, o Corcunda.

É difícil dar uma idéia do orgulho que Quasímodo sentia. Era a primeira alegria de amor-próprio que ele jamais havia experimentado. Conhecia o sineiro até então apenas o desdém por sua condição, a aversão por sua pessoa. Como era totalmente surdo, saboreava as aclamações da multidão que ele odiava. Que importava se seus adoradores fossem um bando de loucos, ladrões e mendigos! Era ainda uma multidão e ele, o soberano. A patética figura levava a sério todos os aplausos irônicos e todas as deferências ridículas que se misturavam a um pouco de medo, porque o Corcunda era robusto.

Portanto, foi com certa apreensão que todos viram de repente um homem lançar-se no meio da multidão e arrancar das mãos de Quasímodo o bastão de madeira dourada, símbolo de seu delirante papado.

Este homem, vestido com o hábito eclesiástico, era o sujeito calvo que assistira antes à dança da cigana. No momento em que saiu da multidão, Gringoire, que não o havia visto até então, reconheceu-o.

— Espere! — disse, com um grito de surpresa. — É dom Cláudio Frollo, o arcebispo. O que ele quer desse horrível caolho? Vai acabar devorado.

Um grito de terror se elevou. Quasímodo pulou da cadeira e as mulheres viraram o rosto para não vê-lo fazer em pedaços o arcebispo.

Mas ele saltou até o padre e se pôs de joelhos. O religioso arrancou-lhe a tiara, quebrou o bastão e rasgou suas vestes de papa. Quasímodo, ajoelhado, abaixou a cabeça. Em seguida, estabeleceu-se entre eles um estranho diálogo de sinais e gestos, porque nem um nem outro falava: o padre, de pé, irritado, ameaçador, categórico; Quasímodo, curvado, humilde, suplicante. No entanto, o Corcunda poderia esmagá-lo com as mãos.

Enfim, o arcebispo, sacudindo o ombro de Quasímodo, fez um sinal para que ele se levantasse e o seguisse. A Confraria dos Loucos, passado o susto, quis defender o papa destronado, mas Quasímodo se colocou na frente do padre e encarou os atacantes com o ranger de dentes de um tigre zangado.

O padre assumiu um ar sombrio, fez um sinal para Quasímodo e se retirou em silêncio. O Corcunda caminhava diante dele, afastando a multidão à sua passagem. Quando eles acabaram de atravessar a praça, o bando de curiosos e de vadios quis acompanhá-los, porém Quasímodo se colocou na retaguarda e seguiu o mestre, urrando como uma fera selvagem.

Os dois entraram em uma rua estreita e escura, onde ninguém ousaria se arriscar.

— Veja só que maravilha! — disse Gringoire. — Mas onde irei jantar?

CAPÍTULO 3

O jarro quebrado

Gringoire, pelo sim pelo não, pôs-se a seguir a cigana. Ele a viu entrar, com sua cabra, na rua de La Coutellerie e caminhava, pensativo, atrás da moça, que apertava o passo vendo os burgueses fecharem suas tabernas, o único tipo de comércio aberto naquele dia. As ruas estavam escuras e desertas. O toque de recolher soara há muito tempo e apenas alguns raros

indivíduos restavam. Gringoire entrou, seguindo a cigana, no labirinto de ruelas, cruzamentos e becos sem saída que cercam o antigo Cemitério dos Santos Inocentes.

Após alguns instantes, ela percebeu que estava sendo seguida. Por várias vezes, ela se virou para ele com inquietude e até parou uma hora, aproveitando um raio de luz que escapava de uma taberna entreaberta, para olhá-lo fixamente. Em seguida, Gringoire a viu fazer o beijo que ele já tinha notado e ela o ignorou.

A certa altura, ele a perdeu de vista e minutos depois ouviu um grito de pavor. O poeta, então, apertou o passo.

Um pequeno lampião a gás que estava aceso na esquina permitiu distinguir a cigana debatendo-se nos braços de dois homens que tentavam abafar seus gritos, enquanto a pobre cabra balia de medo.

— Larguem a pobre moça! — gritou Gringoire, avançando bravamente.

Um dos homens que segurava a cigana virou-se em sua direção: era o rosto formidável de Quasímodo. O poeta não fugiu, mas não deu nem mais um passo. O Corcunda aproximou-se dele, deixou-o de quatro sobre a calçada com um golpe dado com as costas da mão e mergulhou na escuridão, levando a moça dobrada sobre um de seus ombros como um cachecol. O companheiro o seguia e a pobre cabra corria atrás dos dois com seu balido melancólico.

— Assassino! Assassino! — gritava ela.

— Alto lá, miseráveis, entreguem-me esta mulher — disse de repente, com uma voz de trovão, um cavaleiro que surgiu bruscamente do cruzamento vizinho.

Era o capitão dos arqueiros da ordem do rei, armado dos pés à cabeça e com a espada em punho. Ele arrancou a cigana dos braços de Quasímodo e colocou-a atravessada em seu cavalo. No momento em que o Corcunda, passada a surpresa, avançou sobre ele para recuperar a presa, quinze ou dezesseis arqueiros, que seguiam de perto o capitão, apareceram de armas

na mão.

O sineiro foi dominado e amarrado. Ele rugia, espumava e mordia e se o dia estivesse claro, sem dúvida, apenas seu rosto, mais horrendo ainda devido à ira, teria feito fugir toda a esquadra. Mas, à noite, ele não podia contar com sua arma mais formidável: a feiúra.

O homem que o acompanhava desapareceu durante a luta. A cigana se ajeitou graciosamente sobre a sela do oficial e o observou fixamente durante alguns segundos, como que deleitada por sua boa aparência e pelo socorro que ele acabara de lhe prestar. Em seguida, foi a primeira a quebrar o silêncio, falando docemente:

— Como o senhor se chama, senhor policial?

— Capitão Febo de Châteaupers, a seu serviço! — respondeu ele, endireitando-se.

Enquanto o capitão retorcia seu bigode, ela se deixou escorregar do cavalo e fugiu. Um raio não teria desaparecido tão rápido.

Gringoire, aturdido pela queda, permaneceu na calçada. Pouco a pouco, recobrou os sentidos, e rapidamente uma sensação muito viva de frio acordou-o completamente. Ele havia caído no córrego.

— Maldito Corcunda! — resmungou entre os dentes.

Ele se levantou e retomou seu caminho. Após um momento, percebeu um brilho avermelhado no final de uma ruela estreita e longa.

— Deus seja louvado! Ali está sem nenhuma dúvida o calor de uma fogueira para que eu possa me secar e me aquecer.

Ele apenas havia dado alguns passos na longa ruela sem calçamento e cada vez mais enlameada, quando percebeu algo bastante singular. Ela não estava deserta. Aqui e ali, rastejavam massas humanas disformes, todas se dirigindo em direção à luz que vacilava no final da rua.

Gringoire continuou a avançar e logo se juntou a uma larva que demorava mais preguiçosamente a seguir as outras. Aproximando-se, ele percebeu que era apenas um aleijado que saltitava sobre as mãos e prosseguiu. Chegou perto de outra massa ambulante e a examinou. Era um parálítico, ao mesmo tempo coxo e sem um braço, tão coxo e tão sem braço que o sistema complicado de muletas que o sustentava dava-lhe o aspecto de um andaime que caminhava.

Ele quis apressar o passo, mas pela terceira vez algo barrou seu caminho. Esta coisa, ou antes, esta pessoa era um cego, um pequeno cego que tateava no espaço, rebocado por um grande cachorro.

Gringoire continuou seu caminho, mas o cego apressou o passo ao mesmo tempo. Tanto o parálítico quanto o aleijado avançaram com pressa e um grande ruído de moedas e de muletas foi ouvido sobre a calçada.

O poeta pôs-se a fugir e todos o seguiram. À medida que ele corria, pernetas, cegos e coxos multiplicavam-se ao redor. Manetas, zanolhos e leprosos também saíam das ruas adjacentes, das janelas dos porões, das adegas, urrando, mugindo, uivando, todos coxeando, mancando e pisando na lama como lesmas após a chuva.

Gringoire, sempre à frente dos três perseguidores, tentou, amedrontado, enfiar-se no meio dos outros. Quis voltar, mas era tarde demais. Aquela legião o cercou, mas ele continuou, empurrado ao mesmo tempo por esta onda, pelo medo e por uma vertigem que transformava tudo aquilo numa espécie de sonho horrível.

Por fim, atingiu a extremidade da rua, que terminava numa praça imensa, onde mil luzes dispersas cintilavam no nevoeiro confuso da noite. Gringoire fugiu para lá, esperando escapar pela velocidade de suas pernas dos três fracos espectros que fixavam os olhos nele. De repente, o parálítico atirou longe as muletas e passou a persegui-lo com as duas melhores

pernas que jamais haviam dado um passo sobre as calçadas de Paris, enquanto o coxo endireitou-se sobre os pés e o cego o encarava com olhos que resplandeciam.

— Onde estou? — perguntou o poeta, aterrorizado.

— No Pátio dos Milagres — respondeu um quarto espectro que o alcançara.

Gringoire olhou ao redor de si. Estava realmente no temível Pátio dos Milagres, onde nunca um homem honesto havia penetrado a tal hora. Um círculo mágico no qual os soldados do rei que se arriscavam a entrar eram feitos em migalhas.

Tratava-se de uma praça vasta, irregular e mal pavimentada, como todas as praças de Paris. Havia fogueiras ao redor das quais se juntavam grupos estranhos aqui e ali. Escutavam-se risos agudos, choros de crianças, vozes de mulheres.

Gringoire, cada vez mais amedrontado, dominado pelos três mendigos, ensurdecido pela multidão que uivava em torno dele, percebeu que havia caído em desgraça. Neste momento, ouviu-se um grito:

— Vamos levá-lo ao rei! Ao rei!

— Virgem santíssima! — murmurou Gringoire. — O rei deste lugar deve ser um sujeito terrível!

— Ao rei! Ao rei!

Enquanto era levado, todos queriam pôr as garras sobre ele, mas os três mendigos não o soltavam, arrancando-o dos outros, com urros:

— Ele é nosso!

O casaco já gasto do poeta deu seu último suspiro nesta luta. Ao fim de alguns passos, seu senso de realidade retornou e ele começou a perceber a atmosfera do lugar. Examinando as coisas com mais sangue frio, observou: o Pátio dos Milagres era apenas um cabaré, um cabaré de bandidos.

Ao redor de uma fogueira que queimava sobre uma grande pedra redonda, havia algumas mesas arrumadas ao acaso. Sobre elas, brilhavam algumas garrafas cheias de vinho e em torno destas garrafas agrupavam-se rostos avermelhados pelo fogo e pela bebida. Risos estouravam por toda a parte, brigas aconteciam.

Sobre um tonel perto do fogo, estava sentado um mendigo. Era o rei acomodado sobre seu trono. Os três conduziram Gringoire diante dele e o soberano, do alto do barril, dirigiu-lhe a palavra.

Gringoire teve um sobressalto. A voz lembrava aquela ouvida de manhã: "Caridade, pelo amor de Deus!". O rei dos mendigos era, com efeito, Clopin Trouillefou.

Coberto de insígnias reais, ele não tinha um trapo a mais nem a menos. Na mão carregava um chicote com correias de couro branco. Sobre a cabeça, portava um tipo de chapéu circular, fechado pela parte superior. Gringoire, sem saber por que, recobrou a esperança ao reconhecer nessa figura o mendigo do salão.

— Senhor... — balbuciou — Alteza... Amo... Como devo chamá-lo? — perguntou por fim.

— Alteza, majestade ou camarada... Chame-me como quiser, mas apresse-se. O que tem a dizer em sua defesa?

"Minha defesa?", pensou Gringoire, "Isto não me agrada". E continuou gaguejando:

— Fui eu quem esta manhã...

— Somos seus juizes! — interrompeu Clopin. — Você entrou em nosso reino, violou nossa cidade. Deve ser punido, a menos que seja um ladrão, mendigo ou vagabundo. Pratica alguma dessas profissões, hein? Justifique-se. Apresente suas qualidades.

— Sou o autor da peça que foi encenada esta manhã.

— Já é suficiente — retomou Clopin, sem deixá-lo terminar. — Será enforcado!

Gringoire tentou um último recurso.

— Perdão, alteza! Não me condene sem me ouvir...

— Não vejo por que não enforcá-lo! Isto parece repugná-lo? — disse Clopin, acariciando o queixo. — Mas, no fim das contas, não lhe queremos mal. Há somente um meio para tirá-lo desta situação: quer ser um dos nossos?

Pode-se julgar o efeito que esta proposta teve sobre Gringoire, que via a vida lhe escapar e agarrou a oportunidade energicamente.

— Quero, certamente! — disse.

— Consente em se juntar a nós? Saiba — continuou Clopin — que você não irá escapar da força apenas por isso. Somente será enforcado mais tarde, com mais cerimônia, com as despesas pagas pela boa cidade de Paris, numa bela força de pedra, por pessoas decentes. É um belo consolo. Você ainda deseja ser um dos nossos?

— Sem dúvida — respondeu Gringoire.

— Não basta querê-lo — retomou Clopin. — A boa vontade não põe uma cebola a mais na sopa. É preciso que você mostre que serve para alguma coisa, por isso você irá passar pela prova do manequim.

— Passo — disse Gringoire. — Farei qualquer coisa que lhe agrade.

O rei dos mendigos fez um sinal e uma força foi trazida.

"Até onde querem ir?", pensou Gringoire, com alguma apreensão.

No mesmo instante, um barulho de sinos acabou com sua ansiedade. Os malfeitores traziam um boneco suspenso pelo pescoço por uma corda, uma espécie de espantalho, carregado de sinetas e sininhos.

Clopin, apontando uma velha escadinha vacilante colocada abaixo do manequim, disse para Gringoire:

— Suba.

— Vou quebrar o pescoço. Esta escada balança.

— Suba! — repetiu Clopin.

Gringoire subiu a escada e conseguiu, não sem algumas oscilações da cabeça e dos braços, encontrar o centro de gravidade.

— Agora — prosseguiu o rei —, gire seu pé direito em volta da perna esquerda e erga-se sobre a ponta do pé esquerdo.

— Sua Alteza deseja que eu quebre algum membro? Clopin, meneando a cabeça, reclamou:

— Silêncio, meu amigo, você fala muito! Em duas palavras, eis a prova: você vai se equilibrar sobre a ponta do pé, atingir o bolso do manequim, remexer dentro dele e tirar uma bolsa que está lá dentro. Se você conseguir fazer tudo isso sem que se escute o ruído de nenhuma sineta, tudo bem, será um dos nossos. Teremos apenas que cobri-lo de pancadas durante oito dias.

— Vou tomar cuidado — disse Gringoire. — E se faço soar as sinetas?

— Então, será enforcado. Compreende?

— Não compreendo de forma alguma — respondeu Gringoire. — Qual é a vantagem? Enforcado, num caso; coberto de pancadas, no outro.

— Vamos, apresse-se! — disse o rei, batendo o pé sobre o tonei, que ressoou como um grande tambor. — Roube o dinheiro do manequim e isso acaba logo. Aviso uma última vez: se eu ouvir o som de uma sineta sequer, a corda sai do pescoço do espantalho diretamente para o seu!

Gringoire tentou ainda ponderar:

— E se soprar um golpe do vento?

— Você será enforcado — foi a resposta.

Vendo que não havia subterfúgio possível, Gringoire ajeitou-se na ponta dos pés e estendeu o braço. No momento em que tocava o manequim, a escada, com o peso de seu corpo, se moveu. O poeta tentou, involuntariamente, apoiar-se sobre o boneco, mas perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente sobre a terra, no meio do barulho de mil sinos.

— Maldição! — gritou, enquanto caía.

Por alguns instantes, ele permaneceu no chão como morto, com o rosto virado para a terra. Quando se levantou, o espantalho já havia sido retirado da corda para que ele pudesse tomar seu lugar. Forçaram-no, então, a subir a escada. Clopin se aproximou dele, passou a corda em volta de seu pescoço e disse, batendo-lhe no ombro:

— Adeus, amigo! Você não pode mais escapar agora...

No entanto, o rei dos mendigos parou, como se tivesse uma idéia súbita.

— Um momento! — disse. — Ia me esquecendo. Normalmente não enforcamos um homem antes de perguntar se uma mulher o aceita como marido. É uma lei cigana, que devemos respeitar.

Ninguém se apresentou e Clopin ia dar a ordem final para enforcar o poeta, quando gritos foram ouvidos:

— Esmeralda! Esmeralda!

Gringoire ficou arrepiado e virou na direção de onde vinha o clamor, enquanto a multidão dava passagem a uma figura deslumbrante. Era a cigana.

— Esmeralda! — disse Gringoire, estupefato pela maneira brusca com que esta palavra mágica reunia todas as lembranças do dia.

Ela aproximou-se com seu passo rápido. Djali a seguia. Gringoire, mais morto do que vivo, foi observado pela cigana em silêncio.

— Vai enforcar este homem? — disse a moça, seriamente.

— Sim, irmã — respondeu o rei —, a menos que você o aceite como marido.

— Eu aceito — disse ela, fazendo com o lábio inferior um belo beijo de desprezo.

Gringoire, neste momento, acreditou firmemente que apenas sonhava desde a manhã e que esta cena era a continuação do sonho. O laço foi desatado e o fizeram descer da escada. Logo, ele sentou-se, tamanha sua comoção. Alguém trouxe um jarro de barro, que a cigana lhe ofereceu.

— Jogue-o no chão — ela ordenou.

O jarro quebrou-se em quatro pedaços.

— Irmão — disse então o rei, pondo a mão na testa de ambos —, ela é sua mulher. Irmã, ele é seu marido. Por quatro anos. Vão.

CAPÍTULO 4

As boas almas

Dezesseis anos antes da época em que se passa esta história, no primeiro domingo após a Páscoa, uma pequena criatura foi depositada, após a missa, na igreja de Notre-Dame, no estrado de madeira próximo ao altar. Sobre este estrado era costume colocar crianças abandonadas. Quem quisesse, poderia pegá-las ali.

O pequeno ser vivo que lá repousava, naquela manhã do ano de 1467, parecia excitar, a um grau elevado, a curiosidade do grupo que se formara, composto em grande parte por mulheres velhas. Na primeira fila, havia quatro delas, que pelo capuz cinzento deixavam adivinhar sua ligação com alguma confraria devota. Corajosas, elas quebravam alegremente o

voto de silêncio que tinham sido obrigadas a fazer:

— O que é aquilo, minha irmã? — dizia uma, observando a pequena criatura que resmungava e se retorcia sobre o estrado.

— Não sei nada sobre crianças — respondeu a outra —, mas deve ser pecado olhar para esta.

— É um monstro de abominação tal criatura!

— Minha irmã não vê que este pequeno monstro tem pelo menos quatro anos.

Na verdade, a criança não era recém-nascida. Tratava-se de um pequeno volume que se remexia bastante, enrolado num saco, somente com a cabeça, bastante disforme, para fora. Nela se via uma floresta de cabelos ruivos, um só olho, a boca e os dentes. O olho chorava, a boca gritava e os dentes pareciam apenas querer morder. O todo se debatia no saco e causava grande surpresa na multidão, que aumentava incessantemente em torno dele.

Durante alguns momentos, um jovem padre ouviu as palavras do grupo. Era uma figura severa: testa larga e olhar profundo. Ele afastou silenciosamente a aglomeração de pessoas, examinou a criança e estendeu a mão para ela.

— Eu irei adotar esta criança — disse o padre.

Depois, enrolou-a com um pedaço de sua batina e a levou. A assistência seguiu-o com olhos amedrontados. Logo, ele desapareceu através da porta vermelha que levava da igreja ao claustro. Passada a surpresa inicial, uma das mulheres exclamou:

— Eu havia mesmo dito, irmãs, que este jovem sacerdote, Cláudio Frollo, é um feiticeiro!

Cláudio Frollo não era um personagem vulgar. Pertencente à pequena nobreza, desde a infância, ele havia sido destinado pelos pais à carreira eclesiástica. Era uma criança triste, solene e séria, que estudava com ardor e aprendia rapidamente. Assim, dedicou-se à teologia, à

medicina e às ciências.

Aos dezoito anos, a vida parecia ter um único objetivo para o jovem rapaz: os estudos. Foi por volta desta época que o verão excessivo de 1466 fez estourar a grande peste que matou mais de quarenta mil criaturas na cidade de

Paris. Correu um rumor na universidade de que a rua Tirechappe fora especialmente devastada pela doença. O jovem aluno deslocou-se, extremamente alarmado, à casa paterna. Quando entrou, o pai e a mãe já estavam mortos, enquanto o único irmão gritava, abandonado no berço. Era tudo o que havia restado de sua família. Cláudio pegou a criança nos braços e saiu, pensativo.

Tal catástrofe causou uma crise na vida do rapaz: órfão, herdeiro e chefe de família com dezenove anos. Piedoso, encheu-se de paixão e devoção para com o irmão.

O pequeno que caía abruptamente do céu em seus braços fez dele um novo homem. A criatura frágil o comoveu até o fundo das entranhas e, pensador agudo que era, Cláudio pôs-se a refletir sobre Jean com uma misericórdia infinita. Dedicou-lhe preocupação e cuidado, como se faz a algo muito delicado. Foi mais do que um irmão para a criança, foi uma mãe.

Cláudio contratou uma ama de leite para o menino e encarou a vida com muita seriedade. A lembrança do pequeno irmão tornou-se a finalidade de seus estudos, unindo-o mais do que nunca à vocação religiosa.

No momento em que retornava da missa, sua atenção foi chamada pelo grupo de velhas que murmuravam em torno do estrado onde eram depositadas as crianças enjeitadas. Foi então que se aproximou da pequena criatura infeliz. A aflição, a deformidade, o abandono, a recordação de seu jovem irmão, tudo aquilo falava a seu coração. Uma grande piedade o comoveu e ele carregou a criança.

Ao tirá-la do saco, achou-a bem disforme, de fato. O pobrezinho tinha uma verruga

sobre o olho, a cabeça enterrada nos ombros, a coluna vertebral arqueada e as pernas torcidas, mas parecia ativo e, embora fosse impossível saber em que língua ele balbuciava, seu choro prenunciava alguma força e saúde. A compaixão de Cláudio cresceu com a feiúra do menino. Ele fez votos de criar a criança pelo amor de seu irmão. Ao batizá-la, deu-lhe o nome de Quasímodo tanto em homenagem ao primeiro dia depois da Páscoa, quanto por se tratar de uma criatura incompleta, um quase ser.

Em 1482, Quasímodo, já crescido, tornara-se o sineiro da catedral de Notre-Dame graças a seu pai adotivo, Cláudio Frollo, agora arcebispo.

Com o tempo, criou-se uma relação íntima que unia o tocador de sino à igreja. Quasímodo fez de Notre-Dame seu ninho, sua casa, seu universo. Não havia profundidade que ele não tivesse penetrado, altura que não tivesse escalado. Frequentemente,, subia pela fachada, servindo-se apenas das asperezas da construção. Graças aos saltos e às escaladas, às brincadeiras no meio dos abismos da gigantesca catedral, tornara-se, de certa maneira, macaco e cabra montanhesa.

Foi com grande esforço e paciência que Cláudio Frollo conseguiu ensinar-lhe a falar. Mas havia uma fatalidade ligada à pobre criança. Sineiro de Notre-Dame há catorze anos, os sinos haviam perfurado seus tímpanos e ele tinha ficado surdo. Sua alma mergulhou numa noite profunda. A surdez tornou-o mudo, porque, para não ser motivo do riso alheio, ele decidiu resolutamente manter um silêncio que nunca quebrava, exceto quando estava só. E ele se tornou mau. Mau na verdade porque era selvagem. E selvagem porque era feio. Sua força, extraordinariamente desenvolvida, era uma causa a mais para a maldade.

Desde os primeiros passos entre os homens, ele se sentiu isolado. Ao crescer, encontrou apenas ódio em torno de si, então, olhava a humanidade com tristeza. Notre-Dame era suficiente. A presença desse ser extraordinário fazia circular em toda a catedral um sopro de

vida. Quando ele estava ali, parecia que as estátuas das galerias respiravam e até se moviam.

Havia apenas uma criatura humana que Quasímodo excluía de sua maldade e de seu ódio para com os outros, de quem ele gostava tanto (mais, talvez) quanto sua catedral: Cláudio Frollo. Simples: Cláudio Frollo o havia adotado, criado, alimentado, protegido, e, por fim, o havia feito sineiro. O reconhecimento de Quasímodo era profundo, ardente, sem limites. Embora o rosto de seu pai adotivo fosse freqüentemente sombrio e sua palavra habitualmente curta, dura e imperiosa, nunca sua gratidão recuou. O arcebispo tinha em Quasímodo o escravo mais submisso. Quando ficou surdo, ele e dom Cláudio passaram a utilizar uma língua de sinais compreendida apenas por ambos. Desta maneira, o arcebispo era o único ser humano com quem Quasímodo se comunicava. No mundo, somente a catedral de Notre-Dame e dom Cláudio Frollo se relacionavam com ele.

Em 1482, Quasímodo tinha cerca de vinte anos e dom Cláudio, cerca de trinta e seis: um tinha crescido; o outro, envelhecido.

O arcebispo não abandonou a educação de seu jovem irmão, mas com o tempo frustrou-se com esta criança que havia sido tão doce. O pequeno Jean Frollo não cresceu na direção que dom Cláudio desejara. O irmão mais novo tomou o caminho da preguiça, da ignorância e do vício. Era muito bagunceiro, o que fazia franzir a sobrancelha de dom Cláudio, embora, quando fosse engraçado e espirituoso, proporcionasse ao irmão mais velho boas risadas.

Dom Cláudio, então, desencorajado em suas afeições humanas, tinha-se lançado com maior entrega aos braços da ciência, esta irmã que não ri diante de nossos narizes. Tornou-se assim cada vez mais sábio e, ao mesmo tempo, mais rígido como padre e mais triste como homem.

Tomado por uma paixão singular por Notre-Dame, passava horas intermináveis

contemplando as esculturas do portal. Ele se acomodara num pequeno quarto numa das torres que dava para a Praça da Greve, bem ao lado do campanário. Ninguém entrava ali. Via-se freqüentemente, à noite, por uma pequena janela, uma claridade vermelha, intermitente, estranha — fruto de suas experiências com a alquimia. À sombra e àquela altura, isto tinha um efeito singular.

Assim o arcebispo, apesar da austeridade de sua vida, não caíra nas graças das boas almas, que não hesitavam em acusá-lo de bruxaria.

Observava-se, além disso, que seu horror para com os vagabundos parecia aumentar havia algum tempo. Ele solicitara ao bispo uma lei que proibisse expressamente aos ciganos dançar em torno da igreja.

Assim, ele e o sineiro eram bem pouco apreciados nas proximidades da catedral. Quando Cláudio e Quasímodo saíam juntos caminhando, o empregado seguindo o mestre, nas ruas estreitas e sombrias do quarteirão de Notre-Dame, sempre alguns palavrões e algumas gozações incomodavam a passagem dos dois. Às vezes, era um menino ousado que arriscava a pele e os ossos para ter o prazer indescritível de espetar um alfinete na Corcunda de Quasímodo. Às vezes, um grupo de velhas, reunido na sombra de um pórtico, resmungava em voz alta e lançava uma irônica saudação: "Aí vai um que tem a alma igual ao corpo do outro!". Ou era um bando de alunos que os cumprimentava com algumas vaias. Geralmente, o insulto passava despercebido pelo padre e pelo sineiro. Para escutar estas coisas graciosas, Quasímodo era surdo; e dom Cláudio, bastante distraído.

CAPÍTULO 5

A magistratura

É necessário que façamos agora a apresentação do senhor Roberto d'Estouteville, chefe da magistratura encarregado de garantir os melhores serviços da justiça ao povo de Paris.

Na manhã de 7 de janeiro de 1482, ele acordou de mau humor. De onde vinha tamanha indisposição não se poderia dizer. Era o dia seguinte a uma festa, dia de aborrecimento para todos e principalmente para o magistrado, que deveria ter sessão no Palácio Châtelet. Percebemos com freqüência que os juizes se arranjam em geral de modo que seu dia de audiência seja também seu dia de mau humor.

Contudo, os trabalhos haviam começado sem ele e os tenentes cumpriam seus afazeres, de acordo com o hábito. Desde as oito horas da manhã, algumas dezenas de burgueses, reunidos num canto escuro do auditório, assistiam com prazer ao espetáculo variado e alegre da justiça praticada pelo juiz-ouvidor do Palácio Châtelet, senhor Florian Bardebienne, tenente do magistrado.

Imagine-se em uma mesa, entre duas pilhas de processos, o ouvidor apoiado sobre os cotovelos, o pé sobre a toga de tecido marrom, o rosto de lobo em pele de cordeiro, piscando um olho e carregando com majestade a gordura das bochechas que caíam sob seu queixo.

Pequeno defeito para um ouvidor, o senhor Florian era surdo, nem por isso julgava-se menos capaz. Diante dele, acusados sucediam acusados e todos recebiam multas por delitos de pouca importância.

De repente, ouviu-se do lado dos policiais um grande barulho.

— Aí estão os sargentos! — alguém gritou. — Quem estarão trazendo?

— Certamente a presa mais gorda. Um javali, talvez!

— Espere! Espere! É o príncipe de ontem, o Papa dos Loucos, o sineiro Quasímodo!

O Corcunda surgiu, então, preso por correias e cercado por um pelotão de sargentos, observados pelo comandante em pessoa. Não havia nada em Quasímodo que pudesse justificar o uso de tal força. Ele estava sério, silencioso e tranqüilo. Apenas seu único olho lançava, de vez em quando, um olhar tão patético sobre os laços que o prendiam que as mulheres manifestavam-se apenas por risos.

Apesar disso, o senhor Florian folheou cuidadosamente o processo da queixa elaborada contra Quasímodo, que lhe foi apresentado pelo escrevente, e, tendo dado uma rápida olhada nele, pareceu refletir por um momento. Graças ao cuidado que sempre tomava no momento de conduzir um interrogatório, ele sabia de antemão o nome, as qualidades e o delito do réu, preparava réplicas previstas para as respostas previstas e conseguia escapar de todas as sinuosidades do interrogatório, sem deixar que percebessem em demasia sua surdez.

Tendo ruminado bem o caso de Quasímodo, ele inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos até a metade, a fim de adquirir um ar majestoso e imparcial, de modo que fosse nesse momento surdo e cego.

— Seu nome?

Mas há um caso que não tinha sido previsto: um surdo interrogando outro. Quasímodo, sem ser informado da pergunta a ele dirigida, continuou a olhar o juiz fixamente e não respondeu. O juiz, que não fora informado da surdez do acusado, pensou que ele houvesse respondido, como faziam em geral todos os acusados, e prosseguiu:

— Está bem. Sua idade?

Quasímodo não respondeu a mais esta pergunta e o juiz novamente supôs a resposta:

— Agora, sua profissão?

Sempre o mesmo silêncio. O público, no entanto, começou a cochichar.

— É suficiente — retomou o ouvidor quando achou que o acusado tivesse dado a terceira resposta. — É acusado em nossa presença, primeiramente, de perturbação noturna; em segundo lugar, de violência contra a pessoa de uma jovem cigana; em terceiro, de rebelião contra as armas do rei. Faça sua defesa sobre todos esses pontos. Escrevente, tudo o que o acusado disse até agora foi escrito?

Quando esta pergunta inoportuna foi feita, uma gargalhada geral ecoou tão contagiosa que os dois surdos a perceberam. Quasímodo virou-se, levantando a Corcunda com desdém, enquanto o senhor Florian, surpreendido como ele e supondo que o riso dos espectadores tivesse sido provocado por alguma réplica irreverente do acusado, gritou em sua direção com indignação:

— Sua resposta, engraçadinho, mereceria a força. O senhor sabe com quem está falando?

Não há nenhuma razão pela qual um surdo que fala a outro surdo se interrompa. O senhor Florian ia se lançar à alta eloquência, quando a porta dos fundos se abriu de repente, dando passagem ao chefe da magistratura. À sua entrada, o ouvidor parou de repente.

— Senhor — disse Florian Bardebienne a Roberto d'Estouteville, que acabara de entrar —, peço a penalidade que lhe agrada contra o acusado presente, por violação grave da lei.

Depois disso, o ouvidor sentou-se, enxugando o suor que lhe escorria da testa e que molhava as folhas do processo que tinha diante de si. O senhor d'Estouteville franziu as sobrancelhas e chamou a atenção de Quasímodo com um gesto tão imperioso que este compreendeu algo. Com severidade, o magistrado dirigiu-lhe a palavra:

— O que você fez para estar aqui, tratante?

O infeliz, supondo que o magistrado perguntava seu nome, quebrou o silêncio que mantinha habitualmente e respondeu com uma voz rouca e gutural:

— Quasímodo.

A resposta encaixava-se tão mal com a pergunta que as gargalhadas recomeçaram. O senhor Roberto gritou, vermelho de cólera:

— Está zombando de mim?

— Sineiro na catedral de Notre-Dame — respondeu Quasímodo, achando que deveria dizer ao juiz sua profissão.

— Sineiro! — repetiu o juiz-mor, que havia acordado naquela manhã bem mal-humorado, de modo que sua fúria não tinha necessidade de ser provocada por tão estranhas respostas. — Sineiro! Farei com que lhe apliquem muitos golpes de varas nas costas, está escutando?

— Se é minha idade que quer saber — disse Quasímodo —, farei vinte anos no dia de São Martin.

Aquilo foi demais e Roberto d'Estouteville não conseguiu se conter:

— Você está zombando da corte, miserável! Sargentos, levem este palhaço ao pelourinho da Praça da Greve e apliquem nele uma surra durante uma hora. Ele irá me pagar!

O escrevente em poucos minutos redigiu o veredicto, contudo, no momento em que o senhor Florian Bardebienne lia a sentença para assiná-la, o escrivão sentiu-se comovido e teve piedade do pobre condenado. Assim, na esperança de obter alguma diminuição na pena, aproximou-se tanto quanto possível da orelha do ouvidor e disse-lhe, apontando Quasímodo:

— Este homem é surdo.

Esperava ele que tal coincidência de enfermidade despertasse o interesse do senhor Florian a favor do condenado. Mas, em primeiro lugar, já observamos que o ouvidor não se incomodava com o fato de as pessoas perceberem sua surdez. Além disso, ele era tão surdo que não compreendeu uma só palavra que o escrevente lhe disse. No entanto, quis dar a

impressão de entender e respondeu:

— Ah, então é diferente. Eu não sabia disso. Neste caso, que fique uma hora a mais no pelourinho!

E assinou a sentença assim modificada.

CAPÍTULO 6

O buraco dos ratos

Na Praça da Greve, o espetáculo não é menos interessante. Às dez horas da manhã, tudo lembra o dia seguinte da festa. A calçada está coberta de restos, fitas, panos, plumas de penachos, gotas de cera das tochas, migalhas do banquete público. Os vendedores de cidra e cerveja rolam suas barricas. Alguns transeuntes ocupados vão e vêm. Os mercadores conversam e se chamam uns aos outros diante de suas lojas. Todos tentam falar melhor e rir mais. E, no entanto, quatro sargentos a cavalo que acabam de se postar nos quatro lados do pelourinho já concentram em torno de si a atenção geral.

Se o leitor dirigir agora seu olhar para a casa de Tour-Roland, que fica na esquina do cais, poderá observar, no canto da fachada, uma estreita janela fechada por duas barras de ferro em cruz, única abertura que deixa chegar um pouco de ar e de luz do dia a uma pequena cela sem porta no andar térreo.

Tal cela era a mais famosa em Paris há mais de três séculos, desde que madame Rolande de la Tour-Roland, de luto por seu pai morto numa cruzada, mandou escavá-la na muralha da própria casa para ali se encerrar para sempre, mantendo de seu palácio apenas este único local cuja porta era murada. Somente uma fresta permanecia aberta, tanto no inverno

como no verão. A senhorita, que doara o resto de seus bens aos pobres e a Deus, havia esperado a morte vinte anos neste túmulo, rezando dia e noite pela alma do pai, dormindo nas cinzas, sem ter nem mesmo uma pedra como travesseiro, vestida com um saco preto e vivendo apenas daquilo que a piedade dos transeuntes depositava sobre o parapeito da pequena janela. Quando morreu, deixou a cela para as mulheres que queriam se enterrar vivas num momento de grande dor ou por uma grande penitência.

A Tour-Roland nunca deixou de aceitar mulheres reclusas. Muitas delas a habitavam até a morte e o povo de Paris se habituou a chamar o local de "o buraco dos ratos". Na época em que se passa esta história, a cela da Tour-Roland estava ocupada justamente por aquela mulher que interrompeu a apresentação da cigana Esmeralda, mandando-a embora.

A história desta reclusa será ouvida por meio da conversa de três boas comadres que se dirigiam precisamente para lá, subindo do Palácio Châtelet para a Praça da Greve, ao longo do rio.

Duas destas mulheres vestiam-se como boas burguesas de Paris, a outra tinha um ar mais provinciano. Ela segurava pela mão um menino grande que, por sua vez, carregava um bolo.

A criança se deixava arrastar e tropeçava a todo instante, talvez porque olhasse mais para o bolo do que para a calçada, e algum motivo sério o impedia de mordê-lo, já que ele se satisfazia em observá-lo com carinho. As três senhoritas, que se chamavam Mahiette, Oudarde e Gervaise, falavam todas ao mesmo tempo.

— Precisamos nos apressar, senhorita Mahiette — dizia a mais jovem das três para aquela com ar provinciano. — Tenho muito medo de chegarmos atrasadas. Disseram no Palácio Châtelet que ele seria levado imediatamente ao pelourinho.

— Ora bolas, o que você está dizendo, senhorita Oudarde? — continuou a outra

parisiense. — Ele ficará duas horas no pelourinho. Temos tempo.

— Veja aquele agrupamento no final da ponte! Essas pessoas estão observando algo.

— disse Mahiette.

— Na verdade — completou Gervaise —, escuto um tamborim. Acho que é a pequena Esmeralda que faz seu espetáculo com sua cabra. Vamos rápido, Mahiette, aperte o passo e arraste seu menino. Vocês vieram até aqui para conhecer as curiosidades de Paris. Ontem viram os flamengos, hoje devem ver a egípcia.

— Egípcia! — disse Mahiette, mudando abruptamente de direção e apertando com força o braço de seu filho. — Deus me guarde! Ela roubaria meu filho. Venha, Eustáquio.

Assustada, ela se pôs a correr ao longo do cais em direção à Praça da Greve, até deixar a ponte para trás. Contudo, a criança que arrastava caiu de joelhos e ela parou exausta. Logo, Oudarde e Gervaise juntaram-se a ela.

— Que história é essa de a egípcia roubar sua criança? Está aí uma fantasia bastante curiosa! — disse Gervaise.

Mahiette balançou a cabeça com um ar pensativo.

— O curioso — observou Oudarde — é que a enclausurada tem a mesma idéia a respeito da egípcia.

— Quem é essa enclausurada? — indagou Mahiette.

— É a irmã Gúdula — disse Oudarde. — A velha do buraco dos ratos.

— Como? — perguntou Mahiette. — Esta pobre mulher para quem estamos levamos o bolo?

Oudarde fez um sinal de cabeça afirmativo.

— Precisamente. Você vai vê-la daqui a pouco, através de sua pequena janela sobre a Praça da Greve. Ela pensa o mesmo que você destes vagabundos do Egito que tocam tamborim

e lêem a sorte. Não se sabe de onde vem este horror às egípcias. E você, Mahiette, por que então foge assim, sem nem mesmo vê-la?

— Ah! — respondeu a outra, segurando entre as mãos a cabeça do filho. — Não quero que aconteça comigo o que aconteceu com Paquette la Chantefleurie.

— Aí está uma história que você vai nos contar, minha boa Mahiette — disse Gervaise segurando-lhe o braço.

— De boa vontade — respondeu Mahiette.

E ela contou a história de uma pobre mãe, chamada Paquette la Chantefleurie, de quem os egípcios roubaram a bela filha. Eles foram vistos nas proximidades da casa: eram morenos, tinham os cabelos muito crespos e brincos de prata em forma de anel nas orelhas. As mulheres possuíam o rosto ainda mais negro e os cabelos amarrados em rabos de cavalo. Chantefleurie mostrou-lhes a criança e pediu que eles lessem a sorte dela.

— Ela será rainha! — declarou uma egípcia.

E a mãe voltou para casa, muito orgulhosa de levar consigo uma futura rainha. No dia seguinte, aproveitando-se de um momento em que a criança dormia, ela correu a contar à vizinha que sua filha Agnes um dia seria servida à mesa por um rei. Quando retornou, encontrou a porta aberta e correu para procurar a filha na cama, mas a criança não estava mais ali. Não havia nenhum sinal da menina, a não ser um de seus belos sapatinhos. Desesperada, a pobre mãe saiu de casa, batendo a cabeça nas paredes e gritando:

— Minha menina! Quem roubou minha filha?

A rua estava deserta e ninguém pôde dizer nada. Paquette percorreu a cidade durante o dia inteiro, louca, perdida, farejando as portas e as janelas como um animal selvagem que perdeu o filhote. Sem fôlego e descabelada, parava os transeuntes e gritava:

— Minha criança, minha linda filhinha. Serei escrava daquele que devolver minha

menina!

Durante sua ausência, uma vizinha viu duas egípcias entrarem escondidas nos seus aposentos com um pacote nos braços e depois saírem apressadas, segurando outro embrulho. À noite, quando retornou, a mãe ouviu um choro de criança e sorriu. Subiu as escadas como se tivesse asas e entrou. Uma coisa terrível! Em vez da bela Agnes, tão doce e tão rosada, uma espécie de pequeno monstro, medonho, cocho, zarolho e disforme, berrava assustado. Paquette fechou os olhos com horror e pensou:

"Teriam as bruxas transformado minha criança neste animal pavoroso?"

Houve quem se apressasse a levar embora a criança. O pequeno a teria deixado louca, pois era o filho monstruoso de alguma egípcia. Parecia ter cerca de quatro anos e falava uma língua que não era humana.

Paquette pegou o pequeno sapato da filha — tudo o que restara de quem mais amara na vida — levantou-se de repente e se pôs a correr, gritando:

— Ao acampamento dos egípcios! Ao acampamento dos egípcios!

Mas os ciganos haviam partido e ela não pôde persegui-los. No dia seguinte, a duas milhas de lá, num brejo, foram encontrados os restos de uma grande fogueira e algumas roupas que pertenciam à criança.

Quando Paquette soube destas coisas horríveis, não chorou. Apenas moveu os lábios, como para falar, mas não pôde. Na manhã seguinte, seus cabelos estavam grisalhos e, dois dias depois, ela havia desaparecido.

— Que história pavorosa — disse Oudarde. — Não me surpreende mais o medo tão grande que você tem dos egípcios.

Mahiette caminhava silenciosamente.

— E alguém sabe o que aconteceu com Paquette? — perguntou Gervaise.

— Nunca se soube — acrescentou Mahiette, após uma pausa. — No entanto, há quem diga tê-la visto a caminho de Paris, andando com os pés descalços. Outros afirmam que ela se afogou.

— E o sapatinho? — perguntou Gervaise.

— Desapareceu com a mãe. — respondeu Mahiette.

— E o monstro? — disse, de repente, Oudarde.

— O cardeal o abençoou e o enviou para Paris, para ser exposto na catedral de Notre-Dame.

— E o que aconteceu com ele em Paris?

— Não sei — respondeu Mahiette.

Conversando assim, as três burguesas chegaram à Praça da Greve. Distraídas, passaram na frente da Tour-Roland sem parar e se dirigiram para o pelourinho ao redor do qual a multidão aumentava a cada momento. Provavelmente teriam esquecido o buraco dos ratos se o robusto Eustáquio não lhes recordasse abruptamente:

— Mãe, posso comer o bolo?

Tal pergunta despertou a atenção de Mahiette, que exclamou:

— Esquecemos da enclausurada! Levem-me ao buraco dos ratos para que eu possa dar a ela o bolo.

— Imediatamente! — disse Oudarde. — É uma caridade. As três mulheres retornaram e, chegando perto da Tour-Roland, Oudarde disse:

— Vou espiar pela janela. Ela me conhece um pouco e eu as avisarei quando puderem vir.

Oudarde dirigiu-se à pequena abertura da cela e no momento em que seu olhar penetrou no interior do quarto uma profunda piedade varreu-lhe o rosto. Mahiette aproximou-se

em silêncio, comovida, e agora as três mulheres, porque Gervaise havia se reunido a elas, olhavam pela fresta. Suas cabeças interceptavam a fraca luz do calabouço, sem que a miserável enclausurada parecesse prestar atenção a elas.

— Não a perturbemos — disse Oudarde, solícita. Mahiette observou com ansiedade sempre crescente aquela cabeça magra, desvanecida, descabelada e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Ela é bem estranha — murmurou. — Como se chama? -perguntou a Oudarde.

— Nós a chamamos de irmã Gúdula.

— Já eu — continuou Mahiette — chamo-a de Paquette la Chantefleurie.

Então, fez um sinal para que Oudarde e Gervaise olhassem atentamente o interior da cela e identificassem o pequeno objeto que consumia toda a atenção da enclausurada. Um pequeno sapato de cetim rosa, bordado em ouro e prata, levou as três mulheres a chorarem de emoção.

Nada disso distraiu a reclusa. As mãos continuavam juntas, os lábios mudos e os olhos fixos. As três mulheres ainda não haviam proferido uma só palavra, nem mesmo em voz baixa, e, por fim, Gervaise, a mais curiosa das três, tentou fazer a enclausurada falar.

— Irmã Gúdula!

Ela repetiu o chamado, aumentando a voz a cada vez, mas a enclausurada não se moveu. Nem uma palavra, um olhar ou um suspiro. Oudarde, por sua vez, chamou-a com uma voz mais suave. O mesmo silêncio, a mesma imobilidade.

— Talvez esteja surda — disse Oudarde, suspirando.

— Talvez morta — retrucou Mahiette.

— Mãe, quero ver! — disse Eustáquio neste momento.

A voz da criança — clara, fresca, sonora — despertou a enclausurada. Um longo tremor

percorreu-lhe o corpo, seus dentes rangeram e ela levantou um pouco a cabeça, exclamando:

— Que frio!

— Pobre mulher — lastimou Oudarde —, quer um pouco de fogo para se aquecer?

Paquette, balançando a cabeça em sinal de recusa, olhou Oudarde fixamente e disse:

— Água. Oudarde ponderou:

— Coma este bolo que assamos para você. Ela afastou o bolo e disse:

— Pão preto.

De repente, seus olhos brilharam e, sentando sobre os joelhos, ela estendeu a mão branca e magra para a criança que a observava surpresa:

— Levem este menino daqui! A cigana vai passar! Maldita seja a filha do Egito!

Logo após, ela caiu com a face contra o solo, golpeando com o rosto o ladrilho como se uma pedra batesse contra outra.

As três mulheres pensaram que ela havia morrido, mas a reclusa se arrastou até o canto onde estava o pequeno sapato. As amigas não ousaram olhar, somente ouviram mil beijos e mil suspiros misturados a gritos cortantes.

CAPÍTULO 7

Uma lágrima por uma gota d'água

Enquanto isso, um grande número de espectadores se reunia na Praça da Greve para assistir ao castigo de Quasímodo. Esta multidão não manifestava impaciência. Antes, divertia-se em observar o pelourinho, uma espécie de monumento extremamente simples composto por um cubo oco de alvenaria de cerca de três metros de altura com uma escada de pedra bruta que

levava à plataforma superior, sobre a qual se via uma roda horizontal de carvalho. A ela o condenado era amarrado de joelhos e com os braços atrás das costas. A roda girava graças a uma roldana escondida dentro da construção, assim o rosto do réu era mostrado sucessivamente a todos os pontos da praça. A isto se costumava chamar "girar um criminoso".

O condenado finalmente chegou, amarrado a uma carroça, e quando foi içado sobre a plataforma pôde ser visto de todos os pontos da praça. Preso à roda, uma grande vaia, misturada com risos e aplausos, estourou. Quasímodo havia sido reconhecido.

Era realmente ele, estranhamente de volta: preso ao pelourinho na mesma praça onde, na véspera, havia sido saudado e aclamado Papa dos Loucos!

Logo, Michel Noiret, o arauto-mor do rei, pediu silêncio e proclamou a sentença, de acordo com a determinação e a ordem do prefeito. Em seguida, ele se enfiou atrás da carroça com outras pessoas.

Quasímodo, impassível, sequer piscou. Qualquer tipo de resistência era impossível para ele, devido às correntes e correias que o prendiam. Ele foi carregado e amarrado, sem reagir. Não era possível perceber qualquer expressão em sua fisionomia, apenas o pasmo de um selvagem ou de um idiota.

Ele foi colocado de joelhos sobre a roda e sua camisa foi retirada até a altura da cintura. Preso por um novo conjunto de correias, de vez em quando, bufava ruidosamente.

Uma gargalhada explodiu na multidão quando a Corcunda de Quasímodo e seu peito de camelo foram expostos. No meio de toda a zombaria, um homem uniformizado, pequeno e de aparência robusta chegou perto do réu. Era Pierrat Torterue, carrasco do Châtelet.

Ele colocou no canto do pelourinho uma ampolheta preta. Em seguida, tirou o casaco e tomou em sua mão direita um chicote pequeno e fino com longas tiras brancas, retorcidas, cobertas de entalhes em metal. Com a mão esquerda, levantou com negligência a camisa em

torno do braço direito até a axila. Por último, bateu o pé, e a roda começou a girar. Quasímodo balançou em suas amarras. O susto que se abateu abruptamente sobre seu rosto disforme fez com que as gargalhadas crescessem.

De repente, no momento em que a roda exibiu as costas de Quasímodo, Pierrat levantou o braço e as finas tiras assobiaram no ar, caindo sobre os ombros do miserável.

Quasímodo saltou sobre si mesmo, começando a compreender o que se passava.

Um segundo golpe abateu-se sobre ele, depois um terceiro e um outro e assim continuamente. A roda não cessava de girar, nem os golpes de cair.

O Corcunda retomou, pelo menos em aparência, a indiferença inicial, enquanto tentava romper as amarras em segredo. Seu olho iluminou-se, os músculos enrijeceram e as correias e correntes se esticaram. O esforço era potente, prodigioso e desesperado, e ele caiu esgotado. O susto deu lugar a um sentimento de amargor e profundo desânimo. Ele fechou o olho, deixou a cabeça tombar sobre o peito e se fingiu de morto. A partir daí, não se moveu mais.

Por fim, um funcionário da corte, que permaneceu ao lado da escada desde o início da execução, estendeu sua vara de ébano na direção da ampulheta. O carrasco parou e a roda também. O olho de Quasímodo reabriu lentamente. O flagelo havia terminado.

Dois criados do carrasco lavaram os ombros do condenado, friccionaram uma pomada qualquer que fechou imediatamente todas as feridas e lançaram-lhe sobre as costas uma espécie de camisa amarelo sem mangas.

Mas não estava tudo terminado ainda. Faltava ao sineiro sofrer a hora de pelourinho que o senhor Florian Bardebienne prudentemente havia acrescentado à sentença de Roberto d'Estouteville. Inverteu-se assim a ampulheta e o Corcunda foi atado à tábua, de modo que a justiça fosse feita até o fim.

O suplício não havia terminado. Choviam milhares de ofensas, vaias, risos e pedras

daqui e dali. O tempo passava e ele estava havia uma hora e meia, pelo menos, sendo ridicularizado.

De repente, ele se agitou com um desespero redobrado e fez tremer toda a estrutura que o sustentava. Quebrando o silêncio que havia mantido até então, ele gritou, com uma voz rouca e furiosa:

— Água!

Esta exclamação de sofrimento, longe de atrair simpatia, serviu para aumentar a diversão do bom povo parisiense que cercava a escada. Ao fim de alguns minutos, Quasímodo lançou sobre a multidão um olhar desesperado e repetiu com uma voz ainda mais aflita:

— Água!

Todos riram, mas neste momento uma moça saiu do meio da multidão, acompanhada por uma pequena cabra branca de chifres dourados. Ela segurava um tambor na mão e o olho de Quasímodo cintilou: era a cigana a quem ele havia atacado na noite precedente.

Ele não duvidou de que ela também viesse se vingar como todos os outros e a viu subir a escada rapidamente. A cólera e o despeito o sufocavam. Ele desejou destruir o pelourinho e, se um raio lançado de seu olho tivesse o poder de fulminar, a egípcia seria transformada em pó antes de chegar ao topo da plataforma.

No entanto, ela aproximou-se do réu sem dizer uma palavra e, retirando uma garrafa da cintura, levou-a devagar aos lábios do miserável. Então, daquele olho tão seco e irritado, rolou uma grande lágrima que escorreu lentamente ao longo do rosto disforme, contraído pelo desespero. Era a primeira vez, talvez, que o desafortunado chorava.

A cigana apoiou, sorrindo, o gargalo na boca de Quasímodo. Ele bebeu em tragos longos, pois tinha uma sede ardente. Quando terminou, esticou os lábios para beijar a bonita mão que acabara de ajudá-lo, mas a moça esquivou-se com um gesto assustado de criança que

teme ser mordida por um animal. Então, o pobre surdo fixou sobre ela um olhar cheio de uma tristeza inexprimível.

Era um espetáculo tocante ver a bonita moça, pura e encantadora, acorrer ao socorro de tanta miséria e deformidade. Todo o povo foi tomado pela cena, pondo-se a gritar:

— Viva! Viva!

Neste momento a enclausurada lançou uma maldição sinistra:

— Maldita seja, rapariga do Egito! Maldita!

Esmeralda empalideceu, descendo do pelourinho tremendo. Logo, chegou a hora de libertar Quasímodo e a multidão dispersou-se.

Perto da Ponte Grande, Mahiette, em companhia das duas companheiras, parou abruptamente:

— A propósito, Eustáquio, o que você fez com o bolo?

— Mãe, um cachorro deu uma mordida nele, e eu também!

— Criança terrível! — disse a mãe, sorrindo.

CAPÍTULO 8

Fatalidade

Depois daquela manhã no pelourinho, os vizinhos de Notre-Dame notaram que o ânimo do sineiro havia esfriado bastante. Antes, eram badaladas a qualquer propósito, longas serenatas, ricas escalas executadas para um casamento ou para um batismo. A velha igreja, bastante vibrante e sonora, estava sempre numa perpétua celebração de sinos. Agora, a catedral parecia sombria e mantinha o silêncio. As festas e os enterros ouviam badaladas

simples, secas e nuas. Diziam que não havia mais um músico na torre, mas Quasímodo continuava lá. O que se passava com ele, então? Permanecia a vergonha do pelourinho no fundo de seu coração ou ecoavam sem parar as chicotadas do carrasco em sua alma?

Um dia, Quasímodo sentiu retornar o amor pelos sinos e subiu a uma das torres, enquanto lá embaixo o sacristão abria todas as portas da igreja.

Chegando à alta câmara, o Corcunda observou os sinos com um triste balançar de cabeça, mas quando os tocou, tornou-se novamente feliz, esquecendo-se de tudo. Seu coração encheu-se de alegria e seu rosto desabrochou. Ele corria de uma corda a outra, animando seus companheiros de campanário.

De repente, ao olhar a praça, viu uma moça acompanhada por uma cabra cercar-se de um grupo de espectadores. Esta visão repentina alterou o curso de suas idéias e ele deu as costas para o carrilhão, fixando sobre a dançarina um olhar sonhador terno e suave.

Enquanto isso, o jovem estudante Jean Frollo percebeu ao se vestir que seus bolsos estavam vazios.

Um pensamento lhe ocorreu ao mesmo tempo em que amarrava as botas, mas ele o repeliu. Contudo, a idéia retornou e ele vestiu o colete ao contrário, sinal evidente de confusão interna. Por fim, atirando a boina no chão, gritou:

— Não importa! Seja o que Deus quiser. Irei procurar meu irmão. Receberei um sermão, mas terei algum dinheiro.

O jovem desceu a rua de la Harpe em direção à cidade e, após atravessar a ponte pequena e cruzar a rua Neuve-Sainte-Geneviève, encontrou-se na frente da catedral de Notre-Dame. A indecisão retornou, e ele passeou por alguns momentos, repetindo com angústia: "O sermão é certo, o dinheiro é duvidoso!" Interrompendo a caminhada de um sacristão que saía da igreja, perguntou:

— Onde está o arcebispo?

— Creio que em seu esconderijo lá em cima — disse o sacristão. — E eu não o aconselho a perturbá-lo agora.

No entanto, Jean atravessou a pequena porta preta e pôs-se a subir a escada que levava aos andares superiores da catedral.

"Vou ver", dizia para si mesmo, enquanto percorria o caminho, "Deve ser interessante este claustro em que meu reverendo irmão se esconde perto das nuvens!"

Chegando à galeria das pequenas colunas, o estudante respirou um momento e exclamou:

— Sem dúvida é aqui.

A chave estava na fechadura e a porta, encostada. Ele empurrou-a suavemente e pôde ver um cubículo sombrio e mal iluminado onde havia uma poltrona, uma mesa, bússolas, provetas, esqueletos de animais pendurados e uma esfera rolando sobre o chão.

O quarto não estava deserto. Um homem, sentado na poltrona, curvava-se sobre a mesa, de costas para Jean, que via apenas seus ombros e a parte posterior do crânio. O estudante reconheceu o irmão, mas a porta abriu-se tão devagar que nada havia prevenido dom Cláudio de sua presença. Curioso, ele aproveitou para examinar por alguns momentos o aposento.

O cubículo apresentava um aspecto geral de abandono e de ruína e o mau estado dos utensílios fazia supor que o mestre estava, havia bastante tempo, distraído de seu trabalho por outras preocupações.

Contudo, inclinado sobre um vasto manuscrito ornado de pinturas esquisitas, ele parecia atormentado por uma idéia que vinha incessantemente misturar-se às suas meditações.

De repente, fechou o livro com violência, passando a mão sobre a testa, como para

caçar a idéia que o obcecava. Em seguida, apanhou sobre a mesa um prego e um pequeno martelo, cujo cabo era curiosamente pintado com sinais cabalísticos, gravando na parede, em grego, a palavra "fatalidade".

"Meu irmão é louco", pensou Jean consigo mesmo, "Seria bem mais simples escrever em francês."

O arcebispo sentou-se novamente na poltrona e apoiou a cabeça com as duas mãos, como faz um doente que tem a testa pesada e febril. Vendo que o irmão retornava à imobilidade, Jean recuou lentamente e fez alguns ruídos de passos atrás da porta, a fim de anunciar sua chegada.

— Entre, senhor Jacques! — disse o arcebispo, do interior do cubículo. — Eu estava mesmo aguardando sua chegada e até deixei a chave sob a porta.

O aluno entrou corajosamente e dom Cláudio, extremamente incomodado pela indesejada presença, estremeceu:

— O quê? É você, Jean?

— Jean ou Jacques, pouco importa. Ambos começam com "j" — disse o aluno atrevidamente feliz.

O rosto de dom Cláudio retomou a expressão severa.

— O que você faz aqui?

— Meu irmão — respondeu o aluno —, vim pedir uma coisa da qual tenho grande necessidade.

— Senhor — disse o arcebispo em um tom frio —, estou muito aborrecido consigo.

— Que pena! — suspirou o aluno.

Dom Cláudio virou a poltrona e olhou fixamente para Jean, que se preparou para o duro choque:

— Jean, por toda parte reclamam de você. O jovem não respondeu.

— E seus estudos? — prosseguiu o padre balançando a cabeça.

O aluno levantou os olhos.

— Senhor meu irmão, gostaria que eu lhe explicasse em bom francês esta palavra grega que está escrita na parede?

— Que palavra? — perguntou o arcebispo, com um ligeiro

— Bom dia! — respondeu o homem de preto.

Os dois homens trocaram algumas palavras cujo sentido Jean não pôde perceber. Pareciam falar de ouro, de velhos pergaminhos e até de escultura.

— A propósito, ia esquecendo! Quando quer que eu mande prender a pequena bruxa e sua cabra diabólica? -perguntou Jacques Charmolue. — O processo está pronto. Quando começaremos?

O arcebispo empalideceu.

— Eu o avisarei a este respeito — balbuciou com a voz mal articulada.

— Está bem — disse Jacques Charmolue. — Irei ocupar-me dos outros dois acusados. Quanto à pequena Esmeralda, aguardarei suas ordens.

Dom Cláudio, absorto em seus pensamentos, não o ouviu mais. Pensando em Jean escondido sob o aquecedor, ele temeu algum truque e apressou-se em sair do quarto com Jacques Charmolue.

— Pronto, os dois gatos resmungões partiram! — disse o jovem, saindo de seu buraco. — Minha cabeça está zumbindo como um sino. Vou descer com o dinheiro de meu irmão e converterei todas as moedas em garrafas.

O estudante deu uma olhadela de ternura e de admiração no interior da carteira, tirou a poeira de suas pobres mangas sujas de cinza, assobiou uma canção, fez uma pirueta no ar e

finalmente empurrou a porta, descendo as escadas, saltitante como um pássaro. Desembocando na praça, ele bateu o pé no chão, ao chegar à rua.

— Oh, bom e honroso solo de Paris! Maldita escada capaz de cansar até os anjos!

Deu alguns passos e, neste momento, ouviu uma voz forte e sonora pronunciar atrás dele uma série formidável de xingamentos.

— Pela minha alma! — gritou Jean. — Só pode ser meu amigo, o capitão Febo!

O arcebispo não ia distante, ainda acompanhado de Jacques Charmolue, quando estremeceu ao ouvir o nome de Febo. Virando-se, ele viu o irmão se aproximar de um corpulento oficial. Era, realmente, o capitão Febo de Châteaupers, que, apoiado contra o muro de uma casa, gritava como um pagão.

— Ora veja só, bom capitão! — disse Jean, apertando a mão do outro. — Onde aprendeu estas belas palavras?

— Perdão, bom camarada Jean! — disse-lhe Febo.

— Quer vir beber comigo? — perguntou o estudante.

— Quero, mas não tenho dinheiro.

— Pois eu tenho!

Jean balançou a carteira diante dos olhos do capitão majestosamente, enquanto o arcebispo aproximou-se deles sem ser percebido. Febo, então, disse ao amigo:

— Uma bolsa em seu bolso, Jean, é como a Lua num balde d'água. Nós a vemos, mas ela não está lá. Aposto que são pedras!

Jean respondeu friamente:

— Aqui estão as pedras que enchem meu bolso!

E sem acrescentar uma só palavra, esvaziou a carteira sobre a calçada.

— Meu Deus! — murmurou Febo. É impressionante!

O estudante manteve-se impassível. Algumas moedas rolaram pela lama e o capitão, entusiasmado, abaixou-se para apanhá-las, mas Jean o conteve:

— Ora, capitão, deixe para lá estas esmolos!

Febo contou o dinheiro, virando-se solenemente para Jean:

— Quem você roubou esta noite?

O estudante jogou para trás os louros cabelos encaracolados e disse com olhos desdenhosos:

— Tenho um irmão religioso e imbecil. -Aquele homem tão digno! — protestou Febo.

— Vamos beber! — desconversou Jean.

— Aonde iremos? Ao cabaré Maçã de Eva?

— Sim! Vamos à Eva e sua maçã! — respondeu o aluno, tomando o braço do oficial.

Os dois amigos puseram-se a caminho, e o arcebispo seguiu-os enfurecido. "Era este Febo quem um dia havia salvado Esmeralda?" O nome fora suficiente para que o arcebispo acompanhasse os dois amigos descuidados, observando seus menores gestos e ouvindo sua conversa. Nada mais fácil, tão alto falavam!

O som de um tambor chegou até eles vindo de uma encruzilhada vizinha e dom Cláudio ouviu o oficial dizer ao estudante:

— Maldição! Vamos apertar o passo, pois tenho medo de que a cigana me veja.

— Que cigana?

— A pequena da cabra.

— Esmeralda?

— Sim. Esqueço sempre seu nome. Vamos nos apressar. Não quero que esta moça se aproxime de mim.

— Você a conhece, Febo?

O capitão arrebentou de rir e se inclinou para falar no ouvido do amigo, mas dom Cláudio escutou a conversa. Um estremecimento percorreu o corpo do arcebispo e seus dentes rangeram. Ele tropeçou, mas continuou no encalço dos dois companheiros, que começaram a cantar a plenos pulmões uma velha canção.

O cabaré Maçã de Eva situava-se na Universidade, na esquina das ruas de la Rondelle e Bâtonnier. Era uma sala térrea, grande e baixa, com mesas por toda parte, jarros resplandecentes de estanho pendurados nas paredes (sempre influenciam os beberrões), uma vidraça que dava para a rua, uma videira na porta e, acima desta, uma placa enferrujada pela chuva, girando ao vento, onde se via o desenho de uma maçã e de uma mulher — a marca do local.

A noite caía e a encruzilhada estava escura. O cabaré, cheio de velas, resplandecia como uma forja. Ouvia-se o barulho dos copos e das brigas que escapava através dos vidros quebrados. Por meio da bruma que o calor da sala espalhava pela vitrine envidraçada, viam-se muitas figuras difusas e, ocasionalmente, um riso sonoro destacava-se.

Um homem passeava pela frente da barulhenta taberna observando seu interior e não se afastando mais do que uma sentinela de sua guarita. Cobria-se com uma capa que lhe escondia o nariz, sem dúvida para protegê-lo do frio das noites de março ou talvez para esconder seu hábito. Ocasionalmente, parava diante da vitrine, ouvia, olhava e batia o pé.

Por último, a porta do estabelecimento se abriu, o que ele parecia esperar, e dois bêbados saíram. O raio de luz vindo de fora ruborizou por um instante as alegres figuras.

O homem de casaco permaneceu observando escondido sob um pórtico do outro lado da rua.

— Eu asseguro — dizia um dos homens — que não moro mais na rua Mauvaises-Paroles. Moro na rua Jean-Pain-Mollet.

— Meu amigo, você está bêbado — disse o outro. Tratava-se, é claro, do capitão e do estudante. Parece que o homem que os vigiava na sombra também os reconheceu, porque seguia, a passos lentos, todos os ziguezagues que o jovem obrigava o capitão a fazer. Acompanhando-os cuidadosamente, o homem de casaco pôde escutar a interessante conversação que se segue:

— Agora tente andar direito, senhor estudante, pois preciso deixá-lo.

— Então, suma!

— A propósito, Jean, você não tem mais dinheiro? Bebemos toda a carteira de seu irmão? Não temos mais nada? Diga, Jean, ainda temos algumas moedas? Responda ou vou revistá-lo! Céus, volte a si! Necessito apenas de um pouco de dinheiro.

Jean fingiu-se de surdo e aquilo exasperou o capitão, que empurrou cruelmente o estudante, fazendo-o deslizar contra a parede e cair suavemente sobre a calçada. Febo ajeitou com o pé o amigo sobre um monte de talos de couve jogados na rua, acomodando sua cabeça, no mesmo instante em que Jean começava a roncar.

— Azar o seu se a carroça do guarda noturno o apanhar! -disse o capitão ao pobre bêbado adormecido, afastando-se.

O homem de casaco, que não havia parado de segui-los, recuou um instante diante do jovem deitado, pois um tipo de indecisão o agitou. Em seguida, dando um suspiro profundo, prosseguiu no encalço do capitão.

Jean permaneceu dormindo sob o olhar benevolente das estrelas. Desembocando na rua Saint-André-des-Arts, o capitão Febo percebeu que alguém o seguia. Ele viu, ao virar os olhos por acaso, uma sombra que rastejava atrás de si, ao longo dos muros. Ele parou, ela também. Recomeçou a caminhar e a sombra idem. Aquilo o preocupou muito pouco.

"Oras bolas", pensou, "Não tenho dinheiro. Nem nada que se possa roubar".

A rua estava completamente deserta e, ao parar novamente, ele viu a sombra aproximar-se a passos lentos. O capitão era corajoso e não se incomodaria com um ladrão, mas esta estátua que andava, este homem petrificado, o congelou. Finalmente, o capitão quebrou o silêncio, esforçando-se para rir.

— Se o senhor é um ladrão, como acredito, parece uma garça que tenta abrir uma noz. Sou de uma família arruinada, meu caro. Procure outra vítima.

A mão da sombra saiu do casaco e desceu sobre o braço de Febo com o peso das garras de uma águia. Ao mesmo tempo, uma voz ressoou:

— Capitão Febo de Châteaupers!

— Como sabe meu nome?

— Não sei apenas seu nome — continuou o homem de casaco com sua voz sepulcral.

— Sei também que tem um encontro esta noite.

— Sim! — respondeu Febo, estupefato.

— Às sete horas, não?

— Exatamente!

— Com uma cigana que se chama...

— Esmeralda! — disse Febo alegremente.

Ao ouvir este nome, o espectro agitou com fúria o braço de Febo e o capitão sacou sua espada, dizendo com a voz sufocada pela raiva:

— Basta! Lutemos!

— Capitão, está se esquecendo de seu encontro.

Tais palavras fizeram baixar a espada do capitão, que disse:

— O senhor tem razão. Teremos tempo de nos enfrentar amanhã. Parece bastante forte.

Agradeço se me for permitido manter a palavra. Vou partir, então, para cuidar de um assunto

importante... Ah! Ia esquecendo! Não tenho nenhum dinheiro.

— Aqui há algo que pode ajudá-lo.

Febo sentiu a mão fria do desconhecido deslizar na sua uma grande moeda. Ele não pôde recusar o dinheiro e apertou esta mão.

— Deus! — exclamou. — O senhor tem bom caráter!

— Alto lá, imponho-lhe uma condição! — disse o homem. — Esconda-me em algum canto de onde eu possa ver se esta mulher é realmente aquela cujo nome acabou de dizer. Preciso saber se é ela.

— Para mim tanto faz — respondeu Febo. — Siga-me e eu o colocarei num canil de onde poderá nos ver e escutar. Não tenho nada a esconder.

Logo, o homem misterioso, que era ninguém menos que dom Cláudio Frollo, foi fechado num cubículo sem janela onde se abaixou no meio da poeira e do entulho que se esfarelava a seus pés. Sua cabeça queimava e, tateando ao redor de si com as mãos, ele encontrou um pedaço de vidro quebrado que apoiou sobre a testa, aliviando-o ligeiramente.

Após um quarto de hora, parecia ter envelhecido um século. De repente, ouviu estalar os degraus da escada de madeira. Alguém subia. Havia na porta corroída de seu calabouço uma fenda suficientemente larga e ele colou seu rosto a ela. Desta maneira, podia ver tudo o que se passava no quarto vizinho.

Febo e Esmeralda estavam a sós, sentados sobre um baú de madeira. A moça, vermelha, atônita e excitada, traçava com a extremidade dos dedos linhas a esmo. Não se viam seus pés, pois a pequena cabra alojara-se sobre eles.

— Não me despreze, senhor Febo — dizia a moça, sem levantar os olhos. — Sou uma infeliz.

— Desprezá-la? Por quê?

— Infelizmente, não cumpri uma promessa. Não voltarei a encontrar minha mãe e o amuleto perderá sua força. Mas o que importa?

Falando assim, ela manteve fixos os grandes olhos pretos sobre o capitão.

— Claro que a compreendo! — disse Febo, sem entender nada.

Esmeralda calou-se por um momento e em seguida declarou:

— Capitão, o senhor é bom e generoso. Salvou a mim, uma pobre criança perdida.

Durante alguns momentos, a moça falou de modo misterioso e parecia sonhar.

— O que é isto? — perguntou o capitão, apontando para o amuleto que ela levava no pescoço.

— Não o toque! — ela advertiu, entrando numa espécie de transe. — É meu protetor. É ele quem me fará reencontrar minha mãe, se eu merecer. Deixe-me, senhor capitão! Minha mãe! Minha pobre mãe! Onde você está?

De repente, acima da cabeça de Febo, ela vislumbrou uma sombra maligna que segurava um punhal. Era o arcebispo. Ele estava ali, e o oficial não podia vê-lo. A moça permaneceu imóvel, congelada, muda, diante da terrível aparição. Nem mesmo gritou, quando viu a lâmina descer sobre o capitão.

— Maldição! — gritou o oficial. Ele caiu e ela desmaiou.

Quando recobrou os sentidos, soldados da ronda a cercavam, enquanto Febo era carregado, banhado em sangue. O padre havia desaparecido. A janela do fundo do quarto, que dava para o rio, estava escancarada. Alguém apanhou um casaco que se supunha pertencer ao oficial e ela ouviu dizer ao seu redor:

— É uma bruxa que acaba de apunhalar um capitão.

CAPÍTULO 9

A moeda transformada em folha seca

Gringoire e todo o Pátio dos Milagres estavam numa apreensão mortal. Não se sabia, há um mês, o que havia acontecido com Esmeralda e sua cabra, o que aumentava ainda mais a dor do poeta, que gostava quase tanto do animal quanto de sua dona. Uma noite, a cigana desapareceu e desde então não dera sinal de vida. Todas as investigações haviam sido inúteis e ele não conseguia explicar este sumiço. Era uma tristeza profunda. Ele teria emagrecido, se tal coisa fosse possível.

Um dia, ele percebeu uma multidão diante de uma das portas do Palácio de Justiça.

— O que é aquilo? — perguntou a um rapaz que se afastava.

— Não sei ao certo, senhor — respondeu o rapaz. — Dizem que estão julgando uma mulher que assassinou um policial. Como parece que há alguma bruxaria envolvida, meu irmão, o arcebispo, está cuidando disso. Eu queria falar com ele, mas não pude chegar até lá devido à multidão e isso me deixa bastante contrariado porque preciso de dinheiro.

— Que pena, meu senhor! — disse-lhe Gringoire. — Eu gostaria de poder emprestar-lhe algum, mas não trago nada nos bolsos.

O poeta não ousou dizer ao rapaz que conhecia seu irmão, o arcebispo. O estudante seguiu seu caminho e Gringoire pôs-se a acompanhar a multidão, que subia as escadas do grande tribunal. Ele pensou que não havia nada como o espetáculo de um processo para dissipar a melancolia.

O povo no meio do qual ele se misturara, andava e se amontoava em silêncio. Após lenta caminhada por um longo corredor, o poeta chegou a uma porta baixa que desembocava numa sala ampla e sombria. Era noite e várias velas já estavam acesas aqui e ali sobre as

mesas. A parte anterior da sala era ocupada pela multidão; à direita e à esquerda havia homens de túnicas nas mesas; ao fundo, sobre um estrado, muitos juizes mergulhavam seus rostos na penumbra.

— Meu senhor — perguntou Gringoire a um vizinho —, o que fazem todas essas pessoas aqui?

— Estão julgando uma mulher. Não podemos vê-la, pois ela está de costas para nós, encoberta pela multidão.

— E quem é ela? — perguntou Gringoire. — O senhor sabe seu nome?

— Ainda não, porque acabo de chegar. Suponho apenas que se trate de bruxaria.

Neste instante, os vizinhos impuseram silêncio aos dois tagarelas, pois iria ser ouvido um testemunho importante.

— Senhores — dizia, no meio da sala, uma velha cujo rosto desaparecia sob a vestimenta —, uma noite, eu estava costurando, enquanto o moleque brincava, perto de mim. Bateram à minha porta e eu abri. Dois homens entraram: um todo vestido de preto; o outro, um belo oficial. Viam-se apenas os olhos do que estava de preto, duas brasas. De resto, tinha apenas casaco e chapéu. Eles me pediram um quarto e eu lhes dei um aposento do andar superior. Eles me deram uma moeda. Fechei a moeda em minha gaveta e subimos. Ao chegarmos ao quarto, no momento em que virei as costas, o homem de preto desapareceu e aquilo me deixou um pouco surpresa. O oficial, que era bonito como um fidalgo, desceu comigo e saiu. Fui fazer umas costuras, quando ele retornou com uma moça, que trazia consigo um bode, um grande bode, preto ou branco, não sei mais. Eu os fiz subir para o quarto do andar superior, onde os deixei sozinhos, ou melhor, com o bode. Desci e continuei a costurar. De repente, ouvi um grito vindo de cima e algo cair no chão. A janela se abriu. Corri então para a minha janela, que fica bem embaixo deste quarto, e vi passar, diante de meus olhos, uma massa

preta que caiu na água. Era uma noite de lua clara. Eu o vi, muito bem, nadando na direção da cidade. Então, tremendo, chamei a ronda. Estes senhores entraram e nós subimos. O que foi que encontramos? Meu pobre quarto coberto de sangue, o capitão estendido no chão com um punhal cravado no pescoço, a moça fingindo-se de morta e o bode muito assustado. Em seguida, levaram o oficial, pobre rapaz, e a moça. Esperem. O pior é que no dia seguinte, quando quis pegar a moeda para comprar tripas, encontrei uma folha seca no lugar.

A velha ignorava que, enquanto mostrava o quarto, a criança pegara a moeda, colocando em seu lugar uma folha seca que arrancara de um feixe. A testemunha calou-se, e um murmúrio de horror circulou pela audiência.

— Silêncio! — disse um magistrado, Jacques Charmolue. — A senhora trouxe a folha seca?

— Sim, senhor, aqui está.

— É uma folha de bétula, nova prova de magia – disse Charmolue.

Neste momento, Philippe Lheulier, advogado extraordinário do rei, interveio:

— Gostaria de lembrar que temos o testemunho do capitão Febo de Châteaupers.

Ao ouvir este nome, a acusada levantou-se e sua cabeça surgiu acima da multidão. Gringoire, aterrorizado, reconheceu Esmeralda. Os cabelos, antes graciosamente trançados, caíam em desordem e a pele empalidecera.

— Febo! — exclamou confusa. — Onde ele está? Digam-me se está vivo.

— Cale-se, mulher! — respondeu o presidente. — Não é este nosso assunto.

— Por piedade! Digam-me se ele ainda vive — continuou, e ouviram-se suas correntes rangerem ao longo do vestido.

— Está bem! — disse secamente o advogado do rei. – Ele morreu. Está contente?

A infeliz recaiu sobre o assento, sem voz e sem lágrimas, branca como uma imagem de

cera e não deu mais sinal de vida. Foi necessário, para acordá-la, que um sargento a agitasse sem piedade e que o presidente do tribunal levantasse solenemente a voz:

— Cigana da Boêmia, com a cumplicidade de sua cabra enfeitiçada, na noite do dia 29 de março passado, você apunhalou um capitão dos arcos do rei, Febo de Châteaupers. Continua a negar?

— Que horror, eu nego! — disse a jovem com olhos cintilantes.

— Então, como explica as acusações?

— Já disse: não sei! Foi um padre. Um padre que não conheço. Um sujeito infernal que me persegue!

— É isto! — continuou o juiz.

— Senhores, tenham piedade de mim, sou apenas uma pobre moça...

— ...do Egito — completou o juiz.

Jacques Charmolue tomou a palavra com doçura:

— Considerando a obstinação dolorosa da acusada, solicito seu interrogatório.

— Aceito — disse o presidente do tribunal.

O corpo da infeliz tremia. Ela levantou-se, no entanto, e caminhou com um passo bastante firme em direção a uma porta que se abriu de repente e fechou-se assim que ela passou, o que deu ao triste Gringoire a impressão de que uma boca horrível acabava de devorá-la.

A audiência foi suspensa. Um conselheiro, tendo feito observar que aqueles senhores estavam cansados e que o fim da tortura ainda tardaria bastante, obteve como resposta do presidente que um magistrado deve saber sacrificar-se pelo dever.

Procedeu-se assim ao interrogatório da prisioneira. A pobre moça fez um grande esforço para manter a coragem, mas estremeceu quando as mãos calosas dos criados de

Pierrat Torterue, o carrasco-mor, ajustaram seus belos pés nos terríveis ferros em que eles ficariam presos, a partir de então. Ela soltou um urro de dor quando Pierrat fechou a tranca e seu pé foi mordido por esta cruel engenhoca e confessou.

Confessou tudo que os inquiridores queriam ouvir: seu envolvimento com o diabo e o assassinato do capitão. Soltaram-lhe os pés e ela foi levada de volta para o tribunal.

Ao retornar à sala da audiência, pálida e mancando, um murmúrio geral de satisfação a acolheu e ela foi arrastada de volta para seu lugar. Charmolue sentou-se, levantou-se em seguida e disse sem deixar transparecer em demasia a vaidade:

— A acusada confessou.

— A mulher da Boêmia — continuou o presidente — confessou todos os atos de magia e o assassinato do oficial Febo?

O coração de Esmeralda apertou-se e foi possível ouvi-la soluçar na sombra.

— Tudo o que senhor quiser — respondeu fracamente.

— Senhor promotor do rei — disse o presidente —, o tribunal está pronto para ouvir a sentença que Vossa Excelência requisitar.

Charmolue exibiu um caderno assustador e pôs-se a ler, com muitos gestos, um texto em latim. O orador declamava tão bem que o suor lhe escorria da testa e os olhos saltavam-lhe da cabeça.

Em seguida, o escrevente pôs-se a redigir a sentença e, por fim, passou ao presidente um longo pergaminho. Neste momento, a infeliz pôde ouvir uma voz glacial que dizia:

— Mulher da Boêmia, no dia em que convier ao rei, ao meio-dia, será levada numa carroça diante do grande por tal de Notre-Dame, a fim de pedir perdão com uma tocha de cera na mão. De lá, será conduzida à Praça da Greve, onde será enforcada com sua cabra, para reparar os crimes que praticou e confessou: bruxaria, magia e o assassinato de Febo de

Châteaupers. Deus tenha piedade de sua alma!

— Oh! É um sonho! — ela murmurou, sentindo duras mãos levarem-na a uma cela subterrânea do Palácio da Justiça.

Nesta masmorra, ela se viu perdida nas trevas, enterrada, escondida, enclausurada. Quem a olhasse nesse estado, após tê-la visto rir e dançar ao sol, teria calafrios. Fria como a noite, fria como a morte, nem mais um sopro de vento em seus cabelos, nem mais um som humano aos seus ouvidos, nem mais um brilho do dia em seus olhos. Abatida, esmagada pelas correntes, agachada perto de um jarro e de um pedaço de pão, sobre um pouco de palha numa poça d'água que se formava. Sem movimento, quase sem respirar, Esmeralda não sofria mais.

Desde que chegou ali, não acordava nem dormia. No calabouço, não podia mais distinguir o dia da noite, o sonho da realidade.

Também paralisada, congelada, petrificada, mal notou duas ou três vezes o som de um alçapão que se abria em algum lugar acima dela pelo qual uma mão lhe atirava uma casca de pão preto.

Apenas uma coisa ainda ocupava mecanicamente seu ouvido: acima de sua cabeça, uma gota de água pingava, a intervalos iguais, da abóbada de pedras mofadas.

Não havia nenhum outro barulho além deste.

CAPÍTULO 10

A mãe

Em uma manhã de maio, enquanto o sol se levantava no céu azul, a enclausurada da Tour-Roland ouviu um barulho de rodas, de cavalos e de ferragens na Praça da Greve. Ela

apertou os cabelos sobre as orelhas para encobrir o som e entregou-se a contemplar o objeto que adorava há quinze anos: o pequeno sapato, que para ela era todo o universo.

Naquela manhã, parecia que sua dor se manifestava com violência ainda maior. Era possível escutá-la do lado de fora a se lamentar numa voz alta e monótona que machucava o coração:

— Ah minha filha! Minha pobre e querida criança, então não a verei mais? Parece que tudo aconteceu ontem! Oh, meu Deus, para tomá-la de mim tão rapidamente, era melhor jamais tê-la feito viver. Meus joelhos esfolaram-se por quinze anos orando ao Senhor. Não é suficiente? Traga-a de volta um dia, uma hora, um minuto, meu bom Deus! Quero minha criança! Quinze anos ela teria agora.

Neste momento, alegres vozes infantis ouviram-se na frente da alcova. A cada vez que alguma criança chegava à sua vista ou aos seus ouvidos, a pobre mãe precipitava-se para o canto mais sombrio de seu túmulo, como se desejasse afundar a cabeça na pedra para se esconder. Desta vez, pelo contrário, ela levantou-se com um sobressalto e ouviu avidamente um dos pequenos rapazes dizer:

— Vão enforcar a cigana hoje.

A reclusa correu à janela, mas o grupo risonho de crianças já ia distante. Ela procurou com os olhos alguém que pudesse interrogar, e logo percebeu ao lado do cubículo um padre que lançava de vez em quando um olhar cruel e sombrio para a forca. Era o arcebispo.

— Padre — perguntou —, quem será enforcado?

— Não sei.

— As crianças disseram que é uma egípcia.

— Creio que sim — disse o padre.

Então a velha estourou de rir.

— Minha filha — disse o arcebispo —, estou vendo que a senhora detesta mesmo as egípcias!

— São ladras de crianças — gritou a enclausurada. — Roubaram minha filhinha, minha única criança.

Tomada por um aspecto assustador, ela era observada pelo padre.

— Há, sobretudo, uma que odeio e que amaldiçoei — continuou. — É uma jovem da idade que teria minha filha.

— É justamente esta quem vai morrer — disse o padre.

A cabeça de dom Cláudio tombou sobre o peito e ele se afastou lentamente. A enclausurada contorceu os braços de alegria.

Febo, no entanto, não havia morrido, pois homens como ele têm vida longa. Quando o advogado do rei disse para

Esmeralda que o capitão não mais vivia, certamente foi por erro ou por graça.

Não que a ferida do capitão não tenha sido grave. O médico a quem os soldados o levaram deu-lhe oito dias de vida. No entanto, a juventude acorreu-lhe e, coisa que acontece frequentemente, a natureza se divertiu em salvar o paciente sob as barbas do médico. Enquanto ainda jazia imóvel, ele enfrentou os primeiros interrogatórios, o que o irritou bastante. E, assim, numa bonita manhã, sentindo-se melhor, deixou as esporas de ouro em pagamento ao médico e fugiu. A justiça não se importou mais com ele, pois os juizes tinham provas suficientes contra Esmeralda. Acreditavam que Febo estava morto e que tudo havia sido dito.

O oficial não fugiu para muito longe. Ele tinha ido, simplesmente, juntar-se à sua companhia em um pequeno vilarejo a alguma distância de Paris. Depois de tudo que acontecera, Febo não tinha vontade alguma de comparecer ao tribunal, sentindo que faria um papel ridículo. Esperava que o caso não fosse divulgado.

Mas o tal vilarejo era extremamente insípido, uma aldeia de ferreiros e vaqueiros de mãos rachadas, uma seqüência de choças e casas que cercavam a grande estrada dos dois lados. Febo enfadou-se rapidamente e retornou a Paris, assim que pôde, decidindo cortejar uma moça que morava perto de Notre-Dame.

Inicialmente, ele não deu atenção à multidão bastante numerosa que se apertava na praça, diante da catedral. O barulho, no entanto, acabou por intrigá-lo, fazendo-o perguntar a um sujeito que passava a causa do rumor.

— Não sei. Parece que uma bruxa vai ser castigada na frente da igreja.

O capitão, que acreditava estar o caso de Esmeralda terminado, comoveu-se bem pouco com estas palavras.

A praça apresentava um espetáculo sinistro e singular. Uma multidão imensa, que surgia por todas as ruas, congestionava o local, enquanto o terreno da igreja, vazio, era protegido por uma grossa fileira de soldados.

As grandes portas da catedral estavam fechadas e logo soou lentamente meio-dia no relógio de Notre-Dame. Um murmúrio de satisfação estourou na multidão. A última vibração do décimo segundo golpe mal desapareceu quando um imenso clamor partiu da calçada, das janelas e dos tetos:

— Aí está ela!

Uma carroça, cercada pela cavalaria, acabava de chegar à praça e os sargentos da ronda abriam-lhe passagem no meio do povo. Ao lado do carro, reuniam-se alguns oficiais de justiça, que podiam ser reconhecidos pela vestimenta preta. Jacques Charmolue desfilava à frente do cortejo.

No veículo fatal, uma moça estava sentada com os braços amarrados atrás das costas. Vestia uma camisa e seus longos cabelos pretos caíam espalhados sobre os ombros.

— Jesus! — disse a moça a quem Febo fora visitar. — É aquela cigana desagradável da cabra!

O capitão, com os olhos fixos sobre a carroça, empalideceu. A cavalgada sinistra atravessou a praça em meio aos gritos de alegria e o carro entrou no terreno da igreja, parando em frente a ela. No meio deste silêncio cheio de solenidade, as duas maçanetas giraram e as portas da catedral se abriram.

Um canto grave, incontestável e monótono escapou da igreja. Era a missa dos mortos. Esmeralda parecia perder a visão e o pensamento no interior escuro da igreja. Seus lábios se mexiam como se ela estivesse rezando e, quando o criado do carrasco aproximou-se dela para ajudá-la a descer da carroça, percebeu que ela repetia em voz baixa esta palavra: Febo.

Suas mãos foram desamarradas e fizeram-na andar com os pés descalços sobre a rua, em companhia de Djali, que balia de alegria por sentir-se igualmente livre. A corda que Esmeralda levava ao pescoço se arrastava atrás dela.

Então o canto foi interrompido na igreja e uma grande cruz de ouro à frente de uma fila de círios pôs-se em movimento na sombra. Após alguns momentos surgiu uma longa procissão de padres que avançavam com expressão grave em direção à condenada.

— Oh! — exclamou ela, em voz baixa, ao ver aquele que caminhava na frente. — Ele novamente!

Era o arcebispo, que, pálido, avançava com o rosto virado, os olhos fixos, cantando com uma voz forte. Esmeralda, não menos pálida, mal percebera que haviam colocado em suas mãos uma pesada vela acesa.

Dom Cláudio aproximou-se sozinho. Então, exclamou com voz fúnebre uma assustadora frase em latim que pôs fim à sombria cerimônia. Era o sinal combinado entre o padre e o carrasco. O povo ajoelhou-se. O arcebispo virou as costas para a condenada, sua

cabeça caiu sobre o peito, suas mãos se cruzaram e ele juntou-se ao cortejo.

Esmeralda permanecia imóvel, aguardando o que seria feito dela. A infeliz, no momento de subir na carroça fatal e de se encaminhar para a última estação, talvez tenha sido tomada por alguma lamentação comovente. Levantou os olhos vermelhos para o céu e em seguida olhou a multidão, as casas, o horizonte... De repente, enquanto o criado do carrasco amarrava seus cotovelos, ela soltou um grito terrível, um grito de alegria. Ali, no canto da praça, acabava de encontrar seu amigo, seu senhor, Febo! O juiz havia mentido! Era realmente ele, não podia duvidar: belo, vivo, vestido com seu uniforme brilhante, a pluma na cabeça, a espada ao lado.

— Febo! — gritou. — Salve-me!

Esmeralda quis esticar para ele os braços que tremiam, mas estavam amarrados. Um pensamento acabava de lhe ocorrer: ela havia sido condenada pelo assassinato de Febo de Châteaupers! A jovem suportara muita coisa até então, mas este último golpe foi demasiado duro: ela caiu, sem movimento, sobre a calçada.

— Coloquem-na na carroça — disse Charmolue — e vamos terminar logo com isso!

Ninguém havia notado no alto da catedral um espectador estranho que observava tudo até aquele momento de modo tão impassível que poderia ser confundido com uma das esculturas da fachada da igreja. Sem que ninguém notasse, ele unira fortemente às colunas da galeria uma corda grossa cheia de nós cuja extremidade arrastava-se sobre os degraus. Depois, examinou tudo tranquilamente.

De repente, quando os soldados começavam a executar a ordem de Charmolue, a estranha figura montou sobre o parapeito da galeria, segurou a corda, deslizou por ela ao longo da fachada e correu em direção aos carrascos, derrubando-os com golpes potentes.

Logo após, arrebatou a egípcia com uma só mão, como uma criança faz com sua boneca e, com um impulso, retornou para o interior da igreja, carregando a moça acima de sua

cabeça enquanto gritava com voz forte:

— Asilo!

— Asilo! — repetiu a multidão e o aplauso de dez mil mãos fizeram brilhar de alegria e orgulho o único olho de Quasímodo.

Tal rumor fez a condenada voltar a si. Esmeralda olhou para Quasímodo e, em seguida, fechou de repente os olhos como se estivesse apavorada.

Charmolue permaneceu estupefato. Com efeito, no interior de Notre-Dame, a condenada era intocável, pois a catedral era lugar de asilo e toda a justiça humana cessava em suas escadarias.

Quasímodo havia parado sob o grande portal. Ele carregava a moça em suas mãos calosas com tanto cuidado que parecia temer que ela viesse a se quebrar. Do lado de fora, a multidão pulava de entusiasmo. Após alguns minutos de triunfo, o corcunda desapareceu no interior da igreja.

— Viva! Viva! — gritava o povo.

Esta imensa aclamação espantou a enclausurada, que continuava olhando fixamente para a forca.

CAPÍTULO 11

Corcunda, caolho, manco

Toda cidade da Idade Média até a época de Luís XIII tinha seus locais de asilo. Tais lugares eram espécies de ilhas e qualquer criminoso que entrasse neles estaria a salvo.

Tendo colocado os pés no asilo, o criminoso tornava-se intocável, mas era preciso que

ele se abstinhasse de sair: um passo fora do santuário e estaria de volta ao turbilhão. A roda e a força guardavam o entorno do lugar de refúgio e vigiavam incessantemente sua presa. O asilo era assim uma prisão como qualquer outra.

As igrejas normalmente possuíam cubículos para acolher os suplicantes. Em Notre-Dame, havia uma alcova localizada sob os sótãos das naves laterais, abaixo dos arcos.

Foi para lá que, após o resgate triunfal, Quasímodo levou Esmeralda. A moça sentiu que flutuava no ar, que voava, que algo a carregava acima da terra. Acreditava que tudo estivesse terminado, tendo sido executada durante o desmaio.

Somente quando o sineiro a deixou no refúgio e ela pôde sentir as mãos gordas dele retirarem lentamente a corda que lhe mortificava os braços, seus pensamentos clarearam. Ela percebeu que estava em Notre-Dame, recordou-se de ter sido arrancada das mãos do carrasco e de que Febo estava vivo. Voltando-se para Quasímodo, que se mantinha de pé na frente dela e a amedrontava, perguntou: — Por que você me salvou?

Ele a observou com ansiedade, tentando adivinhar o que ela dizia. Ela repetiu a pergunta, mas ele lançou-lhe um olhar profundamente triste e fugiu, deixando-a atônita.

Após alguns momentos, o corcunda retornou, trazendo um pacote que atirou a seus pés. Eram roupas que mulheres caridosas haviam deixado nos degraus da igreja. Ela pôs rapidamente um vestido e um xale brancos: um hábito de noviça da Casa de Misericórdia. Mal acabara de se vestir, Quasímodo retornou, carregando um colchão sob um braço e um cesto sob o outro, onde havia uma garrafa, um pedaço de pão e alguns alimentos.

— Coma — ele disse, completando, ao estender o colchão pelo chão. — Durma.

Era sua própria refeição e sua própria cama. A cigana levantou os olhos em sua direção para agradecer-lhe, mas não disse uma palavra: o pobre homem era realmente horrível. Então, ela abaixou a cabeça, tremendo de pavor.

— Eu a assusto — disse-lhe Quasímodo. — Sou bem feio, não é? Não me olhe, ouça apenas. De dia, permaneça aqui; à noite, poderá passear por toda a igreja. Mas não saia da catedral nem de dia nem à noite, senão estará perdida.

Ela quis responder, mas ele havia desaparecido. Sozinha, Esmeralda pensou nas palavras singulares daquele ser quase monstruoso. Em seguida, examinou a alcova. Era um pequeno quarto com uma estreita janela. Da beira do teto, conseguia ver a parte superior das chaminés que faziam subir a fumaça de Paris. Triste espetáculo para a pobre cigana, condenada à morte, infeliz criatura sem pátria, sem família, sem lar.

Pensando no doloroso isolamento, sentiu uma cabeça peluda e barbuda deslizar entre seus joelhos. Era a pobre cabra, a ágil Djali, que também havia escapado e que se alegrava em carícias aos seus pés. Esmeralda cobriu-a de beijos.

— Oh, Djali, como pude esquecê-la! Já você não é ingrata, sempre pensa em mim.

Ao mesmo tempo, como se uma mão invisível tivesse levantado o peso que comprimia as lágrimas em seu coração, pôs-se a chorar, sentindo que a dor a abandonava.

A noite chegou e ela achou a lua tão bonita que decidiu dar uma volta em torno da galeria que envolve a igreja. E sentiu-se aliviada, porque a terra lhe pareceu calma, vista daquela altura.

No dia seguinte, percebeu ao despertar que havia dormido bem e este fato incomum a surpreendeu: há muito perdera o hábito do sono. Um feliz raio de sol veio golpear-lhe o rosto. Ao mesmo tempo, na janela ela viu algo que a assustou: a face infeliz de Quasímodo. Involuntariamente, fechou os olhos, mas continuou a ver aquela máscara de borracha. Então, mantendo a vista cerrada, ouviu uma voz que dizia devagar:

— Não tenha medo, sou seu amigo. Vim vê-la dormir.

Isso não a atrapalha, não é? Que mal há que eu permaneça aqui enquanto seus olhos

estejam fechados? Agora, vou embora. Veja, estou atrás da parede. Pode abrir os olhos.

Havia algo ainda mais doloroso que estas palavras: a forma como eram pronunciadas. Sensibilizada, Esmeralda abriu os olhos, mas ele não estava mais na janela. Dirigindo-se à pequena fresta, ela viu o pobre corcunda encolhido num canto da parede numa atitude dolorosa e resignada e fez um esforço para superar a aversão que ele lhe inspirava.

— Venha — disse-lhe docemente.

Ao movimento dos lábios da cigana, Quasímodo acreditou que ela o afugentava: então, ele se levantou e afastou-se mancando, lentamente, com a cabeça baixa, sem nem mesmo ousar levantar o olhar cheio de desespero para a moça.

— Venha logo! — ela gritou.

Mas ele continuava a afastar-se. Ela saiu da alcova, correu para ele e segurou seu braço. Ele ergueu o olho suplicante e, vendo que ela o trazia para perto de si, iluminou-se de alegria. Esmeralda tentou fazê-lo entrar na cela, mas ele teimou em permanecer na entrada:

— Não!

Ela agachou-se graciosamente sobre o colchão com a cabra adormecida a seus pés. A cada instante, descobria em Quasímodo mais uma deformidade. Seu olhar passeou dos joelhos calejados até a corcunda e da corcunda ao olho único. A aversão, pouco a pouco, cedeu lugar a um misto de tristeza e doçura. Ele foi o primeiro a quebrar o silêncio:

— Você estava pedindo que eu voltasse?

Ela fez um sinal de cabeça afirmativo, que ele compreendeu:

— Infelizmente — disse, hesitando —, sou surdo.

— Pobre homem! — gritou a cigana, com compaixão.

— Não me falta mais nenhum defeito. Sou horrível, não é verdade?

Havia nas palavras do corcunda um sentimento tão profundo de autopiedade que ela

não teve forças para dizer uma única palavra. Ele se pôs a rir e este riso era o que havia de mais doloroso no mundo. Quasímodo continuou:

— Sou surdo e você falará por meio de gestos, de sinais. Tenho um mestre que conversa comigo desta maneira. Saberei seus desejos rapidamente, pelo movimento de seus lábios e pelo seu olhar.

— Está bem! — ela respondeu sorrindo. — Agora, diga-me por que me salvou.

Enquanto ela falava, ele a observava cuidadosamente.

— Entendi. Está me perguntando por que a salvei. Você se esqueceu de um miserável a quem socorreu no pelourinho com uma gota d'água e um pouco de piedade. Eis aí duas coisas que jamais poderei pagar. Você se esqueceu dele, mas ele se lembrou.

Enquanto ela o ouvia com profunda compaixão, uma lágrima rolou do olho do sineiro:

— Ouça — continuou —, temos aqui torres bem elevadas. Um homem que caísse morreria antes de tocar o chão. Quando você quiser que eu salte, não precisará dizer nem mesmo uma palavra, um simples olhar será suficiente.

Então, ele se levantou, mas ela fez um sinal para que ele permanecesse.

— Não devo permanecer muito tempo. Não me sinto à vontade quando você me olha. É por pena que você não desvia o olhar. Vou para algum lugar de onde eu possa vê-la sem que você me veja. Será melhor.

Tirando do bolso um pequeno apito de metal, ele continuou:

— Tome. Quando quiser que eu venha e não tiver tanto horror em me ver, você poderá assobiar com isto, que eu escutarei o som.

Colocando o apito no chão, Quasímodo saiu. Os dias se sucederam, e a calma voltou pouco a pouco à alma de Esmeralda. Ela estava fora da sociedade, fora da vida, mas sentia vagamente que talvez não fosse impossível retornar ao convívio social. Gradualmente, as

imagens terríveis que a haviam obcecado por tanto tempo foram sumindo. Além disso, Febo estava vivo e a vida dele era tudo.

Esmeralda pensava às vezes em Quasímodo, o único laço que lhe restava com os homens, com os vivos. Não compreendia nada sobre o estranho amigo que o destino havia lhe dado. O apito ficara no chão, o que não impediu Quasímodo de reaparecer, ocasionalmente, nos primeiros dias. Ela fazia o possível para não virar o rosto quando ele vinha trazer o cesto de provisões ou o jarro d'água. Uma vez, ele surgiu no momento em que ela acariciava Djali. Por alguns momentos, ele permaneceu pensativo diante deste quadro gracioso. Por fim, falou sobre a cabeça pesada e disforme:

— Minha desgraça é que ainda pareço humano. Preferia ser realmente um animal, como esta cabra.

Outra vez, ele apareceu à porta da alcova no momento em que Esmeralda cantava uma velha balada espanhola. Percebendo a presença da desagradável figura que surgiu inesperadamente no meio de sua canção, a jovem rapariga se deteve com um gesto de temor involuntário. O infeliz sineiro caiu de joelhos na entrada do cubículo e juntou, com ar de súplica, as grandes mãos disformes:

— Oh! Eu suplico: continue e não me expulse.

Ela, então, voltou a cantar, enquanto ele permanecia ajoelhado e de mãos unidas, como em oração, mal respirando, ouvindo a canção praticamente com os olhos.

Em outra ocasião, ele chegou com um ar acanhado e tímido:

— Tenho algo a lhe dizer.

Ela fez sinal de que o escutava. Ele suspirou, entreabriu os lábios, pareceu pronto a falar, olhou-a em seguida, abanou a cabeça negativamente e se retirou, lentamente, deixando-a assustada.

Um dia Esmeralda subiu até a ponta do telhado a fim de olhar a praça, enquanto Quasímodo permanecia às suas costas. De repente, a cigana ajoelhou e esticou os braços para baixo, gritando:

— Febo! Venha! Você pode me salvar! Febo!

O capitão havia entrado numa casa, e estava muito distante. Ela permaneceu ajoelhada e gritava com uma agitação extraordinária:

— Febo! Febo! Ele não me ouve...

O corcunda a observava e compreendeu a intenção dela. O olho do pobre sineiro encheu-se de lágrimas. De repente, ele a puxou lentamente pela manga e com ar tranqüilo perguntou:

— Quer que eu vá procurá-lo?

Ela soltou um grito de alegria:

— Sim. Corra! Rápido! Traga-o aqui! Ele me salvará!

— Vou trazê-lo para você — disse ele com voz fraca.

Em seguida, virou a cabeça e precipitou-se escada abaixo, sufocado de tristeza.

Febo fora visitar a mesma moça da ocasião em que Esmeralda quase foi executada e Quasímodo teve de esperá-lo por um longo tempo. Finalmente, a porta se abriu e o oficial saiu envolto em seu casaco, passando diante do corcunda. O sineiro deixou-o dobrar a esquina da rua, depois se pôs a correr atrás dele, com sua agilidade de macaco, gritando:

— Capitão!

Febo parou e pensou: "O que este homem quer comigo?" Quasímodo, no entanto, aproximou-se dele.

— Siga-me, capitão, alguém deseja falar-lhe.

"Aí está um detestável pássaro descabelado que pareço já ter visto em algum lugar",

murmurou Febo.

— Capitão, siga-me. Esmeralda o chama.

Este nome causou grande surpresa ao oficial, que, no dia da execução, deixara a janela momentos antes de Quasímodo salvar Esmeralda. Ninguém havia dito que a cigana estava viva e ele evitava falar dela, pois tal lembrança lhe era penosa.

— Esmeralda? — gritou assustado. — Onde? Você vem de outro mundo?

— Rápido! — disse o surdo sem compreender que Febo se preparava para atacá-lo. —

Por aqui!

O capitão deu-lhe um vigoroso golpe no peito e partiu rapidamente, desaparecendo em seguida. Quasímodo retornou a Notre-Dame e subiu à torre. A cigana continuava no mesmo lugar e assim que o viu correu em sua direção.

— Você está sozinho?

— Não pude encontrá-lo — respondeu friamente Quasímodo.

— Pois deveria esperá-lo a noite inteira! — replicou ela com raiva.

Ele viu seu gesto de cólera e compreendeu a repreensão.

— Eu o vigiarei melhor da próxima vez — disse, baixando a cabeça.

— Saia!

Ele a deixou. Ela estava aborrecida com ele. A partir deste dia, a cigana não o viu mais, pois ele parou de vir ao quarto. No entanto, algumas vezes, ela entrevia no alto de uma torre a figura do sineiro, observando-a melancolicamente. No entanto, assim que ela o notava, ele desaparecia.

Ela não o via, mas sentia a presença de um bom espírito a seu redor. Os alimentos eram renovados por uma mão invisível, enquanto ela dormia. Acima de seu quarto uma escultura lhe causava medo. Ela dissera isto, mais de uma vez, na frente de Quasímodo. Certa

manhã (porque todas essas coisas eram feitas à noite), ela não a viu mais. Tinha sido arrancada. Aquele que subira tão alto certamente teve que arriscar a vida.

Às vezes, à noite, ela ouvia uma voz escondida sob o que-bra-vento do sino cantar uma canção triste e estranha, como que para niná-la. Eram versos sem rima, como um surdo pode compor.

Um dia, ao se levantar, ela viu sobre a janela dois vasos cheios de flores. Um era de cristal, extremamente bonito, mas rachado. A água com a qual fora regado escorrera, e as flores haviam murchado. O outro era um pote de barro, grosseiro e comum, cuja água tinha sido conservada — o que lhe dava flores viçosas.

Não sabemos se foi intencional, mas Esmeralda apanhou o ramalhete murcho e carregou-o o dia todo sobre o peito. Neste dia, ela não ouviu a voz da torre cantar. Ela passava as horas acariciando Djali e dividindo seu pão com as andorinhas. Por fim, parou completamente de ver e ouvir Quasímodo. O pobre sineiro parecia ter sumido da igreja. Uma noite, no entanto, como não conseguia dormir, ela ouviu um suspiro perto do cubículo. Assustada, levantou-se e viu, à luz da lua, uma massa disforme deitada transversalmente à sua porta. Era Quasímodo que dormia no chão, como se montasse guarda.

CAPÍTULO 12

Gringoire tem boas idéias

Desde que Pierre Gringoire descobriu como todo o caso de Esmeralda se desenrolara e que, certamente, haveria corda, enforcamento e outros constrangimentos para os personagens principais desta história, não desejou mais participar dela.

Certo dia, parado próximo a uma esquina, sentiu uma mão pousar pesadamente sobre seu ombro. Virou-se, viu seu velho amigo e antigo mestre, o senhor arcebispo, e se assustou. Havia muito tempo que não encontrava com dom Cláudio. Este permaneceu em silêncio por alguns instantes, depois disse em um tom tranqüilo:

— Como se sente, Pierre?

— Pergunta sobre minha saúde? — indagou Gringoire.

— O conjunto vai bem.

— Então, você não tem nenhuma preocupação?

— Palavra que não!

— E não deseja nada em especial?

— Não.

— Não lamenta nada?

— Não lamento, nem desejo. Arranjei minha vida.

Após um silêncio, o padre continuou:

— No entanto, você parece bastante miserável.

— Miserável, sim; infeliz, não!

Neste momento, ouviu-se um som de cavalos, e nossos dois interlocutores viram desfilar, na extremidade da rua, uma companhia dos arqueiros do rei, com suas lanças levantadas. A cavalgada, brilhante, ressoava sobre a calçada.

— Por que está observando este oficial? — perguntou Gringoire ao arcebispo.

— Acho que o conheço.

— Como se chama?

— Talvez — disse dom Cláudio — ... Febo de Châteaupers — acrescentando abruptamente.

— Pierre Gringoire, o que você fez com a pequena dançarina egípcia?

— Esmeralda? O senhor está mudando de assunto muito rapidamente.

— Ela não era sua mulher?

— Sim, nós nos comprometemos por quatro anos. Meu Deus, como a cabritinha era bonita!

— Essa cigana não havia salvado sua vida?

— Meu Deus, é verdade!

— O que aconteceu com ela?

— O senhor não vai acreditar: acho que a enforcaram.

— Você acha?

— Não tenho certeza. Quando vejo que querem enforcar pessoas, saio logo do jogo.

— E é só isso que você sabe?

— Espere. Disseram-me que ela tinha se refugiado em Notre-Dame e que estava em segurança. Fiquei contente, mas não pude descobrir se a cabra foi salva com ela. É tudo o que sei.

— Vou lhe dizer mais — observou dom Cláudio. — Com certeza, ela se encontra refugiada em Notre-Dame. Mas em três dias, a justiça a prenderá, e ela será enforcada.

— Isso é terrível! — disse Gringoire. — Não podem deixá-la tranqüila? Qual o problema de uma pobre moça se proteger sob as arcadas de Notre-Dame, ao lado dos ninhos das andorinhas?

Após um silêncio, o arcebispo continuou:

— Então, ela salvou sua vida...?

— Dos meus próprios amigos, os vagabundos. Por pouco não fui enforcado.

— E você não quer fazer nada por ela?

— Até gostaria, dom Cláudio, mas temo pagar um preço desagradável por isso!

— Ora, que importa?

— Como assim, que importa?!

— Como poderia salvá-la? — disse dom Cláudio, perguntando-se a si mesmo.

Pierre Gringoire bateu na testa.

— Ouça, meu senhor, irei encontrar uma maneira. E se pedíssemos o perdão dela ao rei?

— Luís XI? Perdão?

— Por que não?

— Pierre, já pensei bastante, e há apenas um meio de salvá-la.

— E qual seria?

— Nunca se esqueça de que você deve sua vida a ela. Vou lhe contar minha idéia. A igreja é vigiada dia e noite e somente podem sair dela aqueles que são vistos entrar. Venha à catedral e eu o levarei até Esmeralda. Assim, vocês trocam de roupa: ela colocará seu casaco, você vestirá sua saia...

— Até agora não vejo problemas — observou Gringoire. — E depois?

— Depois, ela sairá com suas vestes e você permanecerá com as dela. Talvez você seja enforcado, mas ela será salva.

O poeta coçou a orelha com um ar sério:

— Veja só! Está aí uma idéia que eu nunca teria tido sozinho.

Mas tal proposta inesperada fez com que Gringoire se entristecesse.

— E então? O que você acha da estratégia?*

— Digo, meu senhor, que eu não serei enforcado "talvez", mas, sim, "certamente".

— Ela salvou sua vida. É uma dívida que você paga.

— Mas há outras tantas que não pago!

— Pierre, é absolutamente necessário.

— Escute, dom Cláudio — respondeu o poeta muito consternado. — O senhor se prende a esta idéia e está errado.

Não vejo por que eu me deixaria enforcar no lugar de outro. Mas pensarei sobre o assunto. Afinal de contas — prosseguiu ele após um silêncio —, quem sabe? Talvez não me enforcem. Quando me encontrarem nessa alcova, tão ridiculamente vestido, de saia e touca, talvez estourem de rir.

— Combinado? — perguntou dom Cláudio.

Gringoire parecia hesitar e o arcebispo esticou-lhe a mão:

— Estamos de acordo: você virá amanhã!

— Ah, isso não! — disse o poeta, como um homem que desperta. — Ser enforcado é demasiado absurdo! Eu não quero.

— Adeus, então! — disse o arcebispo, acrescentando entre os dentes. — Nós nos veremos.

"Não quero que este homem me veja nunca mais", pensou Gringoire, correndo atrás de dom Cláudio.

— Olhe, nada de caprichos entre velhos amigos! O senhor se interessa por essa moça, por minha mulher, quero dizer.

Está bem. Imaginou um estratagema para fazê-la sair de Notre-Dame, mas o método é extremamente desagradável para mim. Se eu tivesse outro meio, uma outra idéia interessante para tirá-la de lá, sem que para isso fosse preciso comprometer meu pescoço, o que o senhor diria? Não seria suficiente? É absolutamente necessário que eu seja enforca do para que o senhor fique contente?

— Qual é sua proposta?

"Os vagabundos são homens corajosos", Gringoire começou a pensar, tocando o nariz com o indicador em sinal de meditação. "E como a tribo do Egito gosta dela, eles se insurgirão à primeira palavra. Nada mais fácil. Graças à desordem, poderemos soltá-la facilmente. Amanhã à noite."

O poeta estava radiante:

— Preciso lhe contar em voz baixa — disse a dom Cláudio.

— Que meio de salvação você encontrou? — perguntou o arcebispo.

Gringoire inclinou-se ao ouvido do padre e falou-lhe muito baixo, lançando um olhar inquieto de uma extremidade à outra da rua por onde, no entanto, ninguém passava. Quando terminou, dom Cláudio tomou-lhe a mão e disse friamente:

— Está bem. Até amanhã.

— Até amanhã — repetiu Gringoire.

Enquanto o arcebispo afastava-se de um lado, o poeta saiu por outro, murmurando para si mesmo: "Aí está uma tarefa importante, senhor Pierre Gringoire, e não é certo que, por ser pequeno, eu fique assustado com uma grande empreitada".

O arcebispo, retornando ao claustro, encontrou seu irmão à porta de seu quarto. Enquanto este esperava, desenhara na parede com carvão o perfil de dom Cláudio, com um nariz bastante grande.

— Meu irmão — disse timidamente Jean —, venho vê-lo.

O arcebispo não ergueu os olhos.

— Então?

— Você é tão bom para mim e me dá tão bons conselhos — continuou o jovem — que sempre retorno a você.

— Prossiga.

— Diante de ti, está um culpado, um criminoso, um miserável. Sinto-me mortificado e o bom Deus é extraordinariamente justo. Enquanto eu tinha dinheiro, levei uma vida feliz.

— E depois?

— Infelizmente, gostaria muito de me endireitar. Venho aqui cheio de arrependimento. Sou penitente. Confesso-me. Bato em meu peito com grandes punhaladas. Você tem certamente razão de querer que eu, um dia, tenha um diploma. Eis que sinto agora uma vocação magnífica para esta condição. Mas não tenho mais tinta, é preciso que eu compre; não tenho mais plumas, é preciso que eu compre. Tenho grande necessidade de um pouco de dinheiro. Venho até aqui, meu irmão...

— É só?

— Sim. Um pouco de dinheiro.

— Não tenho.

O estudante disse então com um ar grave e seguro ao mesmo tempo:

— Está bem, meu irmão. Não quer me dar dinheiro? Não importa, vou me tornar vagabundo.

O arcebispo disse friamente:

— Mas você já não é?

Jean o cumprimentou com solenidade e desceu a escada assobiando. No momento em que passava no pátio sob o quarto do irmão, ouviu a janela se abrir. Levantou a cabeça e viu surgir a cabeça severa do arcebispo.

— Tome! — disse dom Cláudio. — Eis aqui a última moeda que você terá de mim.

Então, o padre jogou a Jean uma bolsa que lhe causou um enorme galo na testa. O jovem partiu, ao mesmo tempo, zangado e contente, como um cão agredido com um osso.

CAPÍTULO 13

Viva a alegria

Uma noite, no momento em que o toque de recolher soava em todos os campanários de Paris, os sargentos da ronda, se lhes fosse permitido entrar no Pátio dos Milagres, poderiam ter observado que o tumulto era maior do que o normal, que se bebia mais e que se praguejava melhor. Havia muita gente que conversava em voz baixa, como quando se trama uma grande ação.

Qualquer que fosse a confusão, após uma primeira olhada, podiam-se distinguir três grupos principais que se amontoavam ao redor de três personagens. Um deles, vestido de forma bizarra, era Mathias Hungali Spicali, duque do Egito e da Boêmia. Uma outra multidão se formava ao redor de nosso antigo amigo Clopin Trouillefou, que, com um ar muito sério e em voz baixa, distribuía armas contidas num barril bastante espesso, de onde saíam machados, espadas e lanças de ferro. Cada um apanhava um punhado delas. As próprias crianças se armavam e havia até os mancos que, de armadura e couraça, passavam entre as pernas dos bêbados como besouros gordos. Por último, um terceiro grupo, mais ruidoso, alegre e numeroso, enchia os bancos e as mesas, no meio dos quais discursava um jovem engraçado coberto por uma pesada armadura.

— Viva! — ele gritava. — Pela primeira vez na vida pego em armas! Sou um malfeitor, meus amigos. Atendo pelo nome de Jean Frollo e sou cavalheiro. Irmãos, nós faremos uma bela expedição. Viva a alegria! Somos valentes. Cercar a igreja, derrubar suas portas, retirar a moça, salvá-la dos juizes! Faremos isso em menos tempo do que leva o prefeito tomando uma colher

de sopa. Nossa causa é justa. Invadiremos Notre-Dame e tudo estará feito. Enforcaremos Quasímodo, vocês o conhecem? Vocês o viram resfolegar sob o grande sino no dia de Pentecostes?

A multidão aplaudia com explosões de riso.

— A pobre Esmeralda — dizia um cigano — é nossa irmã. É preciso tirá-la de lá.

— Ela ainda está em Notre-Dame? — continuou outro.

— Sim, em nome de Deus!

— Camaradas! — gritava-se por toda parte. — Vamos salvá-la.

Clopin Trouillefou terminou a distribuição de armas, saiu e retornou, após alguns momentos, gritando com uma voz de trovão:

— Meia-noite!

Ao ouvir esta palavra, todos os malfeitores — homens, mulheres e crianças — precipitaram-se em multidão para fora da taberna com um grande ruído de armas e de ferragens.

O Pátio dos Milagres ficou completamente escuro, distinguindo-se somente uma multidão de homens e mulheres que falavam baixo. Um grande zumbido era ouvido e armas brilhavam na penumbra. Clopin subiu numa grande pedra e gritou:

— Às posições!

A imensa multidão posicionou-se em coluna e Clopin aumentou ainda mais sua voz:

— Agora, silêncio para atravessar Paris! A senha é: peque na chama passeando!

Acenderemos as tochas apenas ao chegar a Notre-Dame. Em marcha!

Dez minutos mais tarde, os cavaleiros da ronda fugiam amedrontados diante da longa procissão dos silenciosos homens vestidos de preto que desciam em direção à Pont-au-Change, através das ruas tortuosas que cortavam o bairro dos Mercados.

Nesta mesma noite, Quasímodo não dormiu. Ele acabara de fazer a última ronda pela

igreja sem perceber que o arcebispo passou a seu lado com certo desconforto ao vê-lo fechar cuidadosamente com o cadeado a enorme porta da catedral. Dom Cláudio tinha o ar ainda mais preocupado do que o normal. Ele maltratava constante-mente Quasímodo, mas este não se importava em sofrer ou mesmo apanhar. Nada abalava a submissão, a paciência e a resignação do fiel sineiro. De Cláudio Frollo ele sofria tudo, ofensas, ameaças, golpes, sem murmurar uma queixa, sem exprimir uma reclamação. No máximo, acompanhava-o com o olhar quando Dom Cláudio subia a escadaria da torre.

Assim, nesta noite, Quasímodo, após ter dado uma olhadela em seus pobres sinos tão abandonados, subiu até o topo da torre setentrional e de lá se pôs a observar Paris. A cidade, que não era tão iluminada ainda nessa época, apresentava aos olhos uma confusão de massas pretas, cortadas aqui e ali pela curva esbranquiçada do rio Sena.

Enquanto deixava o único olho flutuar neste horizonte de bruma e de noite, o sineiro sentia em seu próprio interior uma apreensão inexprimível. Há vários dias ele estava de guarda e via circular incessantemente em redor da igreja homens com um ar sinistro que não paravam de observar o asilo da moça. Achando que talvez houvesse alguma conspiração contra a infeliz refugiada, ele percebeu que existia um ódio popular contra ela e contra ele mesmo, concluindo que logo alguma coisa iria acontecer. Sobre o sino, ele se manteve vigilante, montando guarda como um bom cão.

De repente, ao varrer a cidade com seu olho agudo, pareceu-lhe ver algo de singular do lado do cais e redobrou a atenção. O movimento vinha em direção à cidade e, enquanto Quasímodo fazia suposições, ressurgiu mais perto. Por fim, ele viu uma coluna humana desembocar diante de Notre-Dame e, instantaneamente, espalhar-se pela praça.

Seus temores retornaram e a idéia de um atentado contra a cigana invadiu-lhe o espírito. Sentiu confusa-mente que se aproximava de uma situação violenta. Deveria despertá-la?

Fazê-la fugir? Para onde? As ruas tinham sido tomadas e a igreja estava encurralada pelo rio. Ele não tinha um barco! Não havia saída! Apenas uma idéia lhe ocorria: resistir até que o socorro chegasse, se chegasse, e não perturbar o sono de Esmeralda. Era muito cedo para acordar a infeliz para a morte. Uma vez tomada a resolução, ele se pôs a examinar o "inimigo" com mais tranqüilidade.

A multidão parecia aumentar a cada instante e ele presumiu apenas que eles deviam fazer muito pouco barulho, pois as janelas das casas continuavam fechadas.

De repente, uma luz brilhou e num instante sete ou oito tochas acesas passearam sobre as cabeças d.o bando. Quasímodo viu distintamente um grupo assustador de homens e de mulheres esfarrapados mover-se em ondas, armados de facas, foices e facões, com milhares de pontas brilhantes. Ele se lembrou vagamente dessa ralé e pensou reconhecer todos que, há alguns meses, o tinham saudado como o Papa dos Loucos. O corcunda apanhou sua lanterna e desceu sobre a plataforma entre as torres para ver tudo mais de perto e decidir os meios de defesa.

Clopin Trouillefou, ao chegar diante do grande portal de Notre-Dame, organizou seu bando em posição de batalha. Embora não esperasse nenhuma resistência, ele queria, na verdade, ser cuidadoso, mantendo certa ordem que lhe permitisse reagir, se necessário, contra um ataque repentino da ronda.

Era fato muito raro nas cidades medievais uma tentativa como aquela que os malfeitores empreendiam contra Notre-Dame. Por outro lado, não existia polícia ainda.

Quando os preparativos iniciais terminaram (e devemos dar crédito à disciplina dos vagabundos, pois as ordens de Clopin foram executadas em silêncio e com uma admirável precisão), o digno chefe dos revoltosos subiu sobre o parapeito do muro que cercava o terreno da catedral e gritou com sua voz rouca agitando sua tocha:

— Nossa irmã, falsamente condenada por magia, refugiou-se na igreja. Devemos salvá-la, pois os juízes querem tirá-la de lá para enforcá-la amanhã. Por isso estamos aqui. Queremos salvar uma inocente!

Quasímodo, infelizmente, não pôde ouvir aquelas palavras pronunciadas com uma espécie de majestade sombria. Um dos malfeitores ofereceu sua bandeira a Clopin, que a fincou solenemente entre duas pedras do calçamento.

Isso feito, o chefe dos mendigos virou-se e percorreu com o olhar seu exército, uma multidão selvagem em que os olhos brilhavam quase tanto quanto as espadas. Depois de um instante de pausa, ele gritou:

— Adiante, companheiros! Ao trabalho!

Trinta homens robustos saíram das filas, com martelos, alicates e barras de ferros sobre os ombros. Dirigindo-se à porta principal da igreja, eles subiram a escadaria e se agacharam sob os arcos. Uma multidão de malfeitores os seguiu para ajudá-los ou observá-los e logo os onze degraus do portal estavam atravancados. No entanto, a porta resistia.

— Ela é dura e teimosa! — dizia um.

— Coragem, camaradas! — incentivava Clopin. — Eu aposto minha cabeça que vocês terão aberto a porta antes que um único sacristão acorde. Esperem! Acho que a fechadura está se movendo.

Clopin foi interrompido por um estampido pavoroso que ressoava naquele momento atrás dele e se virou. Uma enorme viga de madeira acabava de cair do céu, esmagando uma dúzia de malfeitores sobre o degrau da igreja, e saltara sobre o calçamento com o barulho de um tiro de canhão, quebrando aqui e ali pernas da multidão de mendigos que se afastava com gritos de horror. Num piscar de olhos, acercada diante da catedral estava vazia e até mesmo tomou distância respeitosa do edifício.

— Escapei por pouco! — gritou Jean. — Senti até o vento.

É impossível descrever o misto de surpresa e temor que se abateu sobre os bandidos.

Todos permaneceram durante alguns minutos com os olhos fixos no ar.

— Isso cheira à magia! — disse um.

— Foi a Lua que nos atirou este tronco! — disse outro.

E ninguém sabia explicar a queda da tora. Clopin, passado o susto inicial, acabou encontrando uma explicação que pareceu plausível a seus companheiros.

— Os padres estão se defendendo? Pois, então, ao saque!

— Ao saque! — repetiu a multidão com uma aclamação furiosa.

Seguiu-se uma disparada de flechas contra a fachada da igreja. Os pacatos moradores das casas vizinhas acordaram, várias janelas se abriram e toucas de dormir e mãos carregando velas apareceram nos cruzamentos.

— Atirem nas janelas! — gritou Clopin.

As janelas se fecharam imediatamente e os pobres burgueses, que mal tiveram tempo de olhar a cena, voltaram suando de medo para perto de suas mulheres, perguntando-se se estava ocorrendo um ataque de borgonheses como em 1464.

— Ao saque! — repetiam os malfeitores, embora não ousassem se aproximar.

Eles olhavam para a igreja e para a tora, e esta não se movia. A construção mantinha seu ar calmo e deserto, mas algo os congelava.

— Mãos à obra! — gritou Trouillefou. — Vamos arrombar a porta.

Ninguém deu um passo.

— Vejam só, há homens aqui com medo de uma viga — disse Clopin.

Um velho lhe dirigiu a palavra.

— Capitão, a porta é toda reforçada com barras de ferro, por isso os alicates são

inúteis.

— O que seria então necessário para derrubá-la? — perguntou Clopin.

— Precisaríamos de um tronco para forçar a porta.

Trouillefou correu em direção à formidável tora e pôs o pé em cima dela.

— Aqui está! — gritou. — Os padres o enviaram.

Em seguida, fez uma saudação ridícula em direção à igreja:

— Obrigado, padres!

A brincadeira surtiu efeito, pois os malfeitores recuperaram a coragem e em pouco tempo a tora, levantada como uma pluma por duzentos braços vigorosos, foi lançada com fúria contra a grande porta que eles já haviam tentado abalar. Vista assim, iluminada pelas poucas tochas que os malfeitores espalhavam pela praça, a longa tora carregada pela multidão parecia um monstruoso animal com mil patas que atacava, com a cabeça abaixada, um gigante de pedra.

Ao choque da viga, a porta parcialmente metálica ressoou como um imenso tambor e a catedral inteira tremeu. No mesmo momento, uma chuva de grandes pedras começou a cair da parte superior da fachada sobre os atacantes, estourando crânios a torto e a direito. Então, mortos e feridos sangraram, amontoando-se sob os pés daqueles que ainda combatiam.

O leitor sem dúvida não supõe que esta resistência inesperada viesse exclusivamente de Quasímodo. A sorte também ajudou o corajoso surdo. Após descer para a plataforma entre as torres, seus pensamentos estavam confusos. Ele havia corrido durante alguns minutos ao longo da galeria, indo e vindo como um louco, observando de cima a massa compacta pronta a se abater sobre a igreja. Ele acabara de pensar em subir ao campanário e dar um sinal de alerta, mas antes que pudesse pôr o sino em movimento e emitir um único grito, a porta da igreja já havia sido golpeada dez vezes! O que fazer?

Repentinamente, ele se lembrou de que pedreiros haviam trabalhado durante o dia, consertando as paredes, o vigamento e o telhado da torre. Foi um raio de luz. A parede era de pedra; o telhado, de lata; o vigamento, de madeira.

Quasímodo correu para a torre. As câmaras inferiores realmente estavam cheias de materiais. Havia pilhas de pedregulhos, folhas de estanho em rolos, feixes de sarrafos, vigas sólidas já aplainadas pela serra, pilhas de entulho. Um arsenal completo.

O tempo era curto, os alicates e martelos trabalhavam embaixo. Com a força multiplicada pelo sentimento de perigo, ele levantou uma das vigas, a mais pesada, a mais longa, projetou-a para fora por uma janela e a lançou sobre o abismo. O enorme vigamento, nesta queda de vinte metros, raspando o paredão, quebrando as esculturas, girou várias vezes sobre si mesma como uma pá de moinho que viaja sozinha através do espaço. Por fim, atingiu o solo.

Quasímodo viu os malfeitores se dispersarem com a queda da tora. Ele aproveitou o espanto geral e empilhou silenciosamente entulho, pedras, pedregulhos e até os sacos de ferramentas dos pedreiros sobre o parapeito de onde a viga havia sido lançada.

Logo que eles se puseram a bater na grande porta, a chuva de pedras começou a cair e pareceu-lhes que a igreja se demolia sozinha sobre suas cabeças. Quem pudesse ver Quasímodo neste instante ficaria assustado. Ele se abaixava e levantava-se, alternadamente, com uma força inacreditável. Sua grande cabeça de gnomo se inclinava para além da murada; em seguida, uma pedra enorme caía, depois outra, depois outra. No entanto, os mendigos não se desencorajavam. A espessa porta sobre a qual exerciam seus esforços já havia tremido mais de vinte vezes sob o peso do tronco de carvalho, multiplicado pela força de cem homens. Os painéis rachavam, entalhes voavam em mil pedaços, as dobradiças, a cada abalo, saltavam em sobressalto sobre seus eixos.

A chuva de pedregulhos não era suficiente para afastar os atacantes. Neste momento

de angústia, Quasímodo observou, ligeiramente abaixo do parapeito, dois longos beirais de pedra formando goteiras que conduziam a água das chuvas. Como eles desembocavam exatamente acima da porta, o sineiro teve uma idéia. Correu a buscar um feixe de madeiras em seu alojamento e pôs sobre ele muitos outros feixes de ripas e rolos de estanho, munições que ainda não havia utilizado. Ajeitando esta carga na frente do buraco dos beirais, ateou-lhe fogo com sua lanterna.

Durante este tempo, como as pedras não caíam mais, os malfeitores haviam parado de olhar para cima. Os bandidos se empurravam num grande tumulto em torno da porta já bastante deformada pelo tronco, mas ainda de pé. Agitados, eles esperavam pelo golpe final que iria escancará-la.

De repente, no momento em que se agrupavam para um último esforço, um urro, mais tremendo ainda do que havia explodido sob a tora, elevou-se no meio deles. Aqueles que não gritavam, os que ainda viviam, olharam. Dois jorros de estanho derretido caíam da parte superior do edifício no meio da multidão. Viam-se remexer moribundos parcialmente queimados, urrando de dor. Em volta destes dois jorros principais, havia gotas da chuva horrível que se dispersava sobre os atacantes.

A confusão foi geral. Fugiram em todas as direções tanto os mais audaciosos quanto os mais tímidos e o pátio ficou vazio uma segunda vez.

Todos os olhos haviam se elevado para o alto da igreja. Aquilo que viam era extraordinário. No topo da galeria mais alta, havia uma grande chama desordenada e furiosa, que subia entre dois campanários com turbilhões de faíscas, de onde o vento levantava às vezes uma faixa de fumaça. Abaixo desta chama, duas goteiras transformadas em bocas de monstros vomitavam sem descanso a chuva ardente.

Houve um silêncio de terror entre os vagabundos, durante o qual se ouviram apenas os

gritos de alarme dos padres fechados em seu claustro. No entanto, os principais atacantes haviam se reunido sob um pórtico e discutiam a situação. Clopin Trouillefou mordia seus punhos com raiva.

— É impossível entrar! — murmurava entre os dentes.

— Vocês estão vendo aquele gigante que vai e vem diante do fogo? — alguém gritou.

— Caramba! — disse Clopin. — Maldito sineiro! É Quasímodo. Não há então nenhum meio para forçar esta porta? — acrescentou batendo o pé. — Teremos que partir, deixando nossa irmã ser enforcada amanhã? E o estudante Jean, onde está?

— Capitão Clopin — gritou um bandido —, aí vem ele!

— Plutão seja louvado! — disse Clopin. — Mas o que ele tem atrás de si?

Era realmente Jean, que corria rapidamente arrastando uma longa escada sobre o calçamento, mais resfolegante do que uma formiga atrelada a um feixe de mato vinte vezes mais longo do que ela.

— Vitória! — gritou o estudante. — Aqui está a escada dos estivadores do porto de Saint-Landry.

Clopin aproximou-se dele e perguntou:

— E o que faz você com ela?

— Eu a peguei — respondeu Jean ofegante. — Sabia onde estava: no galpão da casa do tenente.

— Sim — disse Clopin —, mas o que quer fazer com ela?

Jean olhou-o com uma expressão maliciosa, estalando os dedos como castanholas.

— O que desejo fazer? Está vendo aquela linha de estátuas com cara de imbecis, acima dos três portais?

— Sim. Então...?

— É a galeria dos reis da França.

— E daí? — disse Clopin.

— Existe na extremidade da galeria uma porta fechada apenas com um cadeado. Com esta escada, subirei até lá e entrarei na igreja.

— Deixe-me subir primeiro — pediu alguém.

— Não, camarada, ela é minha. Venha e será o segundo.

Jean pôs-se a correr sobre a praça, gritando:

— Comigo, homens!

Num momento a escada foi erguida e apoiada ao parapeito. A multidão dos malfeitores que emitia grandes gritos amontoou-se na parte inferior para subir, mas Jean, valendo-se de seu direito, foi o primeiro a pôr o pé nos degraus. O trajeto era bem longo e o estudante subia lentamente, pois segurava com uma das mãos cada degrau e com a outra, sua arma. Os malfeitores o seguiam. A linha de costas encouraçadas subindo parecia uma serpente com escamas de aço que se erguia contra a igreja.

O estudante finalmente atingiu o balcão da galeria, saltando sobre ele agilmente. Sentindo-se soberano, soltou um grito de alegria, mas, de repente, parou petrificado. Acabara de perceber, atrás de uma estátua, Quasímodo escondido nas trevas, com seu olho faiscante.

Antes que o segundo invasor conseguisse pôr o pé sobre a galeria, o formidável corcunda aproximou-se da ponta da escada, segurando, sem dizer uma palavra, a extremidade dos dois montantes com as mãos potentes. Depois, ergueu-os, afastou-os da parede, empurrando-os com uma força sobre-humana contra a praça. A escada, lançada para trás, pareceu hesitar, oscilou e em seguida se abateu sobre o solo com a carga dos bandidos.

Gritos de cólera e dor sucederam os primeiros rumores de triunfo. Quasímodo, impassível, com os dois cotovelos apoiados sobre o parapeito, olhava.

Jean Frollo, por sua vez, estava numa situação crítica. Enquanto o corcunda brincava com a escada, o aluno correu para a portinhola, mas ela estava trancada, o que o obrigou a ficar escondido atrás de um rei de pedra.

Nos primeiros momentos, o sineiro não se preocupou com ele, mas, por fim, girou a cabeça e endireitou-se repentinamente. Ele acabara de descobrir o esconderijo. Jean preparou-se para o duro choque, mas o corcunda continuou imóvel.

— O que há? — disse Jean. — Por que me olha assim?

Enquanto falava, o jovem estudante dissimuladamente preparava sua arma.

— Quasímodo! — gritou. -Vou mudar seu nome. De agora em diante você será chamado de "o cego de Notre-Dame".

O disparo partiu. A flecha assobiou e fixou-se no braço esquerdo do corcunda. Para Quasímodo, foi apenas um arranhão. Ele levou a mão à flecha, arrancou-a e quebrou-a tranquilamente sobre o joelho. Em seguida, deixou cair os dois pedaços. Jean não teve tempo de atirar uma segunda vez. Quasímodo inspirou ruidosamente, saltou como um gafanhoto e caiu sobre o estudante.

Com a mão esquerda, ele segurou os dois braços de Jean. Com a direita, arrancou-lhe, com uma lentidão sinistra, todas as peças da armadura: a espada, os punhais, o capacete, a couraça, as braçadeiras.

Quando o estudante se viu desarmado e despido por estas temíveis mãos, não tentou falar, mas pôs-se a rir escandalosamente e a cantar, com intrépida indiferença, uma canção popular.

Não terminou. Quasímodo, com uma só mão segurou o estudante pelos pés e girou-o sobre o abismo. Em seguida, ouviu-se um barulho de ossos estourando contra a parede. Algo caiu, mas parou a um terço da queda em uma saliência da construção. Era um corpo morto que

permaneceu pendurado ali. Um grito de horror partiu dos malfeitores.

— Vingança! — gritou Clopin.

— Ao ataque! — respondeu a multidão.

Seguiu-se um urro prodigioso. A morte do estudante impeliu a multidão. O ódio encontrou escadas, multiplicou as tochas e, ao fim de alguns minutos, Quasímodo, confuso, viu um terrível formigueiro subir de todos os lados para atacar Notre-Dame. Aqueles que não tinham escadas contavam com cordas com nós, aqueles que não tinham cordas escalavam os relevos das esculturas. A fúria fazia aumentar os contornos selvagens. Todas as caretas atacavam Quasímodo.

A praça foi iluminada por mil tochas. O pátio resplandecia e lançava uma cintilação para o céu. A fogueira acesa sobre a plataforma continuava a queimar e clareava a cidade ao longe. A enorme silhueta das torres, que avançava por sobre os tetos de Paris, fazia nesta claridade um talho de sombra. A cidade parecia ter se comovido. Sinos de alerta distantes reclamavam. Os malfeitores urravam, arfavam, xingavam, subiam. Quasímodo, impotente contra tantos inimigos, temendo pela sorte de Esmeralda, vendo estas faces furiosas se aproximarem cada vez mais de sua galeria, pedia um milagre ao céu e torcia as mãos de desespero.

CAPÍTULO 14

Châteaupers vem em socorro

O corajoso Quasímodo, sitiado de todos os lados, havia perdido a esperança de salvar a cigana e corria sobre a galeria. Notre-Dame seria tomada pelos malfeitores. De repente, um grande galope de cavalos encheu as ruas vizinhas e uma espessa coluna de cavaleiros

desembocou na praça como um furacão:

— Viva a França! Acabem com os camponeses! Châteaupers vem em socorro!

Quasímodo viu as espadas nuas, as tochas, o ferro das lanças, toda aquela cavalaria, à frente da qual reconheceu o capitão Febo, e observou o medo em alguns malfeitores, a confusão em outros.

Era, na verdade, a tropa do rei que acudia. Os cavaleiros reais, entre os quais Febo de Châteaupers, se comportavam com valentia, não demonstrando misericórdia. A multidão de mendigos, mal armada, espuma e mordida. Homens, mulheres e crianças atiravam-se aos lombos e peitos dos cavalos e se penduravam neles. Outros obstruíam com tochas a visão dos arqueiros.

Viu-se um homem que levava uma grande foice brilhante decepar durante muito tempo as pernas dos cavalos. Era assustador. A cada golpe, ele fazia em torno de si um grande círculo de membros cortados. Avançava assim tranquilamente como um camponês que começa a trabalhar num campo de trigo. Era Clopin Trouillefou, logo abatido. Por fim, os malfeitores se renderam e fugiram em todas as direções, deixando sobre o pátio uma balbúrdia de corpos.

Quando Quasímodo, que não havia parado um único instante de combater, viu esta confusão, caiu de joelhos e levantou as mãos para o céu. Em seguida, cheio de alegria, correu e subiu com a velocidade de um pássaro em direção do esconderijo de Esmeralda que ele havia defendido de forma tão intrépida da invasão. Mas, quando ele entrou, encontrou-a vazia.

No momento em que os malfeitores haviam sitiado a igreja, Esmeralda dormia. Logo, o rumor sempre crescente em redor do edifício e o balir inquieto de sua cabra acordaram-na. Ela se sentou e pôs-se a escutar.

O aspecto do lugar, a desordem do ataque noturno e a multidão medonha levaram-na ao pânico. Toda a cena lhe causou o efeito de uma misteriosa batalha e, amedrontada, ela se

encolheu em seu esconderijo.

Aos poucos, as primeiras névoas de medo dissiparam-se. Caída de joelhos, com a cabeça sobre a cama, cheia de ansiedade e agitação, ela começou a pedir clemência ao bom Deus cristão e a rezar para Nossa Senhora, sua protetora.

Prostrada assim, continuou durante muito tempo. Até que no meio da angústia, ouviu alguém que caminhava perto dela. Virando-se, viu dois homens entrarem no esconderijo e soltou um grito fraco.

— Não tenha medo! — disse-lhe uma voz conhecida. — Sou eu.

— Quem? — perguntou.

— Pierre Gringoire, seu marido.

Este nome a tranqüilizou e ela levantou os olhos, reconhecendo-o. Mas havia perto dele alguém vestido inteiramente de preto.

— Djali — continuou Gringoire com um tom de censura — reconheceu-me antes de você!

A pequena cabra, realmente, apenas esperou que Gringoire dissesse seu nome e já estava se esfregando com ternura em seus joelhos, cobrindo-o de carícias.

— Quem está aí com você? — perguntou Esmeralda em voz baixa.

— Não se preocupe! — respondeu Gringoire. — É um dos meus amigos.

O homem de preto aproximou-se de Gringoire e disse-lhe alguma coisa, pois o poeta exclamou:

— É verdade! Já ia me esquecendo. Estamos com pressa! Minha jovem, sua vida está perigo, assim como a de Djali. Querem enforcá-la. Somos seus amigos e viemos salvá-la. Siga-nos.

— É verdade? — ela gritou, perturbada.

— Sim. Venha rapidamente!

— Então, vamos! — balbuciou. — Mas por que seu amigo não fala?

— Ah! — disse Gringoire. — Não se preocupe com ele.

O poeta tomou-a pela mão. Seu companheiro recolheu a lanterna e caminhou na frente. O medo aturdiu a moça e ela se deixou levar. A cabra os seguia saltitando, tão feliz por reencontrar Gringoire que o fazia tropeçar a todo instante.

Desceram rapidamente a escadaria das torres, atravessaram a igreja envolta em trevas e solidão e saíram. O homem que carregava a lanterna caminhou diretamente em direção à beira da água, onde um pequeno barco estava escondido. Ele fez um sinal para que Gringoire e sua companheira entrassem e a cabra os seguiu. O estranho embarcou por último. Em seguida, cortou as amarras do barco, afastou-o da terra com um longo gancho e, segurando dois remos, sentou-se na proa, remando com todas as forças.

O primeiro cuidado de Gringoire foi pôr a cabra sobre os joelhos. Ele sentou-se na parte traseira e a moça, a quem o desconhecido inspirava um medo indefinível, veio se sentar a seu lado. Quando o poeta sentiu a embarcação em movimento, bateu as mãos e beijou Djali entre os chifres.

— Oh! — disse. — Estamos todos salvos.

O pequeno barco deslizava sobre a água, enquanto a moça observava o desconhecido com um terror secreto, vendo-o quase como um fantasma. De repente, Gringoire exclamou:

— O barulho recomeçou!

O tumulto realmente crescia em torno de Notre-Dame e eles escutaram. Gritos de vitória eram claramente ouvidos. Ao longe, cem tochas que faziam faiscar os capacetes dos militares espalharam-se pela igreja e os três fugitivos puderam ouvir coisas como:

— Morte à cigana! Que morra a egípcia!

A infeliz deixou cair a cabeça entre as mãos e o desconhecido se pôs a remar com fúria em direção à outra margem. Contudo, o poeta se preocupava. Pressionando a cabra em seus braços, pensava que ela também seria enforcada se fosse capturada, dando-lhe enorme prejuízo.

Um tremor o avisou que a embarcação chegara ao destino. A confusão sinistra continuava na cidade. O desconhecido se levantou, aproximou-se da cigana e quis tomar-lhe nos braços para ajudá-la a descer. Ela, porém, afastou-o e se pendurou em Gringoire que, por sua vez, ocupado com a cabra, quase a repeliu. Não lhe restou outra coisa senão saltar sozinha da embarcação.

Estupefata, ela permaneceu por um momento observando a água correr e, quando voltou a si, estava lado a lado com o desconhecido. Gringoire havia aproveitado o desembarque para fugir com a cabra.

A pobre cigana arrepiou-se ao encontrar-se sozinha com este homem. Quis chamar Gringoire, mas nenhum som saiu de seus lábios. De repente, sentiu a mão dele sobre a sua e seus dentes bateram. Sem dizer uma palavra, ele pôs-se a caminhar a passos largos para a Praça da Greve, segurando a mão dela, que, sem forças, deixou-se levar.

Ela olhou em todas as direções, mas não viu um único ser vivo. O cais estava absolutamente deserto. O desconhecido a arrastava sempre com o mesmo silêncio e a mesma rapidez e ela não reconhecia nenhum dos lugares por onde andava. Diante de uma janela iluminada, fez um esforço e gritou:

— Socorro!

O homem de preto não proferiu sequer uma sílaba. Segurou-a com força e caminhou mais rapidamente. Ela não se opôs mais e o seguiu, derrotada.

Às vezes, ela perguntava:

— Quem é você?

Mas ele não respondia.

Assim chegaram, sempre caminhando ao longo do cais, a uma praça bastante grande, iluminada parcialmente pela luz da lua. Era a Praça da Greve, em cujo centro podia-se distinguir uma espécie de cruz preta de pé: a forca. Ela reconheceu o local e percebeu onde estava. Foi então que o homem virou-se para ela, levantando o capuz.

— Oh! Não! — ela gaguejou petrificada. — Eu sabia que era você novamente.

Tratava-se do arcebispo, que parecia propriamente um fantasma, por conta do efeito da luz da Lua.

— Escute — ele disse com uma voz sombria. — Esta é a Praça da Greve, um ponto extremo. Há uma sentença que a condena à forca. Eu a tirei das mãos da multidão, mas eles continuam a persegui-la. Veja.

Ele apontou em direção à cidade e ambos puderam ver o tumulto, a desordem, a confusão.

— Está vendo? Eles ainda a perseguem, mas posso salvá-la. Tenho tudo preparado. Você só precisa querer.

Puxando-a apressadamente, ele dirigiu-se para a forca e a apontou com o dedo:

— Escolha entre nós dois — disse friamente.

Ela escapou de suas mãos e caiu ao pé da forca. Em seguida, virou a cabeça e olhou o padre por sobre o ombro, dizendo:

— A forca me causa menos horror do que o senhor!

Ele deu um grito violento, como o miserável ao qual se aplica o ferro em brasa.

— Morra, então! — disse, rangendo os dentes.

O arcebispo a sacudiu e caminhou a passos rápidos em direção à esquina da

Tour-Roland, arrastando-a atrás de si. Ao chegar, pôs-se a gritar muito alto:

— Gúdula! Gúdula! Aqui está a egípcia! Venha se vingar!

De repente, a moça sentiu que era agarrada subitamente por um braço que saía da pequena janela.

— Segure firme! — disse o padre. — É a egípcia fugida. Não a solte. Vou procurar os sargentos e você verá seu enforcamento.

A moça reconheceu a enclausurada e, ofegante de medo, tentou se libertar. Enquanto se contorcia, ouvia Gúdula dizer em voz baixa:

— Você será enforcada!

Ela se virou, agonizante, para a janela.

— O que fiz para a senhora?

A reclusa gritou:

— O que você me fez, egípcia? Escute. Eu tinha uma criança, está entendendo? Uma criança: estou dizendo! Uma bonita menina! Minha Agnes. E a levaram de mim. Minha filha foi roubada. Aí está o que você me fez.

Humildemente, a moça respondeu:

— Mas talvez eu ainda não fosse nascida!

— Pois sim! — continuou a enclausurada. — Você já era nascida! Ela teria a sua idade! Há quinze anos estou aqui, há quinze anos sofro, rezo e bato minha cabeça contra estes muros. Eu digo que as egípcias roubaram minha filha.

— Senhora! — gritou a pobre condenada juntando as mãos. — Eles estão chegando. Não lhe fiz nada. Quer ver minha morte diante dos olhos? A senhora é piedosa, tenho certeza. Deixe que eu me salve. Não quero morrer assim!

— Devolva minha pequena Agnes! — prosseguiu Gúdula — Você não sabe onde ela

está? Então, morra! As egípcias a roubaram. Veja o que vou mostrar. Veja o seu sapato, o único que me resta. Sabe onde está o outro pé? Diga-me!

Enquanto com um braço ela segurava Esmeralda, com o outro ela alcançou o pequeno sapato que repousava na cela. A menina, então, tremendo, tentou abrir o saquinho bordado que carregava no pescoço.

— Vai! — murmurou Gúdula. — Encontre logo este amuleto do mal!

De repente, ela parou, gritando com uma voz que vinha das mais profundas entranhas:

— Minha filha!

Esmeralda acabara de tirar do saquinho um pequeno sapato exatamente igual ao outro. Mais rápida do que um raio, a enclausurada comparou o par e, colando à grade da janela o rosto que brilhava com uma alegria celestial, gritou:

— Minha filha!

— Mamãe! — respondeu Esmeralda.

A parede e as barras de ferro interpunham-se entre elas.

— A parede! — gritou a enclausurada. — Dê-me sua mão!

A moça passou seu braço através da janela e a enclausurada colou seus lábios nele. De repente, ela se levantou e começou a balançar com as mãos as barras, mas elas resistiram. Então, ela foi procurar num canto do quarto uma grande pedra e a atirou com tanta violência que uma das barras se partiu. Um segundo golpe quebrou completamente a velha cruz de ferro que delimitava a janela. Com as duas mãos, terminou de quebrar e afastar os pedaços oxidados. A passagem ficou aberta e ela segurou a filha, puxando-a devagar para a cela.

— Minha filha! — dizia. — Minha filha está comigo! O bom Deus a devolveu.

A moça repetia, de tempos em tempos, com uma doçura infinita:

— Mamãe!

— Veja, minha filha! — continuava a enclausurada entre cortando as palavras com beijos. — Seremos felizes.

Neste momento, soou um ruído de armas e Esmeralda atirou-se angustiada nos braços da mãe.

— Salve-me, mamãe, eles estão aqui!

Gúdula ficou pálida.

— Eu tinha me esquecido de que a perseguem! Vou falar com eles. Esconda-se neste canto. Eles não a verão. Direi que você escapou.

Mal havia terminado quando uma confusão de homens, espadas e cavalos parou diante da alcova. Ela levantou-se e se postou na frente da janela, tentando tapá-la.

— Velha — disse o comandante —, procuramos uma bruxa.

Disseram que ela está aqui.

— Se estão falando de uma moça jovem, ela me mordeu e eu a soltei.

O capitão fez uma careta de desapontamento.

— Capitão — disse de repente um arqueiro —, pergunte então à velha por que as barras de sua janela estão neste estado.

— Elas sempre foram assim — gaguejou.

— Mentira! — continuou o arqueiro. — Ainda ontem havia uma bela cruz preta aqui.

— Vejam só quem está agindo de forma suspeita! — disse o capitão.

— Senhor — ela gritou —, uma carroça quebrou a grade.

Esmeralda havia permanecido todo o tempo em seu canto, sem sequer respirar e não perdeu um só segundo da cena, afligindo-se também com cada uma das angústias da mãe. De repente, ouviu uma voz que dizia ao arcebispo:

— Ora, senhor arcebispo, como homem de armas, não é a mim que compete enforcar bruxas. Eu os deixo cuidar disso sozinhos. Acho que os senhores concordarão que eu vá me juntar à minha companhia.

Era a voz de Febo de Châteaupers. Então ele estava lá, seu amigo e protetor! Esmeralda levantou-se e, antes que sua mãe pudesse impedir, lançou-se à janela, gritando:

— Febo! Estou aqui!

No entanto, o oficial não estava mais lá. Acabara de virar, a galope, a esquina da rua de la Coutellerie. A enclausurada precipitou-se sobre a filha, com um grito, puxando-a violentamente para trás, mas era muito tarde.

— Ah! — gritou o capitão. — Dois ratos na ratoeira!

Gúdula não disse uma palavra. Atirando a pobre filha meio morta num canto da alcova, voltou à janela e pôs-se a olhar intrepidamente todos os soldados. Balançou a cabeça e começou a dizer:

— Não tem ninguém! Não tem ninguém!

— Tem sim — continuou o carrasco, que acabava de chegar. — Você sabe muito bem.

Deixe que eu prenda a bruxa.

Não quero machucá-la, senhora.

— Velha — disse o capitão num tom severo —, por que quer impedir que esta bruxa seja enforcada?

A miserável deixou escapar um riso selvagem.

— Ela é minha filha!

— Sinto muito, mas é a vontade do rei.

— O que me importa o rei? Estou dizendo que ela é minha filha!

— Derrubem a parede!

Quando a mãe ouviu as picaretas e alavancas minarem sua fortaleza, deu um grito tremendo. Em seguida, começou a rodopiar com uma velocidade assustadora em seu cubículo. Não dizia mais nada, mas seus olhos brilhavam.

De repente, pegou uma pedra e a jogou sobre os soldados. Lançada sem direção, porque suas mãos tremiam, o objeto acabou não atingindo ninguém. Ela rangeu os dentes e foi se sentar perto da moça, cobrindo-a com seu corpo e ouvindo a jovem, que não se movia e só murmurava:

— Febo! Febo!

De repente, a enclausurada viu a parede desmoronar e ouviu a voz do capitão que incentivava os soldados. Fez, então, com o corpo, uma espécie de barricada diante da brecha, torcendo os braços, batendo a cabeça contra o ladrilho e gritando:

— Socorro! Socorro!

— Agora, peguem a moça — disse o chefe impassível.

A mãe olhou os soldados de uma maneira tão terrível que eles tinham mais vontade de recuar do que de avançar. Ninguém deu um passo. Gúdula sentou-se subitamente sobre os joelhos, afastando os cabelos do rosto, e, em seguida, deixou cair as mãos magras e esfoladas sobre as coxas. Então, grandes lágrimas saíram uma a uma de seus olhos. Ao mesmo tempo, começou a falar com uma voz suplicante, tão suave, tão submissa e tão dolorosa que os soldados, comovidos, enxugavam o pranto.

— Senhores, uma palavra! É uma coisa que preciso dizer. É minha filha, entendem? A minha querida filha que eu tinha perdido! Ouçam minha história. O que ela fez para vocês? Absolutamente nada. Eu também não. Saibam que tenho apenas a ela, que sou velha. Foi a Virgem Santa que a enviou. Além disso, vocês todos são tão bons! Vocês não sabiam que era minha filha, agora, sabem... Oh! Vocês são tão bons, senhores sargentos. Gosto de todos vocês.

Vocês não tomarão de mim a minha querida filha! A minha criança!

O carrasco e os sargentos entraram na cela e a mãe não opôs nenhuma resistência. Apenas arrastou-se para a jovem e lançou-se sobre ela.

Esmeralda viu os soldados se aproximarem.

— Mamãe! — gritou. — Eles vêm vindo! Ajude-me!

— Sim, meu amor, eu irei protegê-la! — respondeu a mãe com uma voz apagada.

Apertando-a com força em seus braços, Gúdula cobriu Esmeralda de beijos. As duas, caídas no chão, encenavam um espetáculo digno de piedade. O carrasco, comovido, quis carregar a jovem em seus braços. Ele tentou soltar a mãe, que havia entrelaçado as mãos em torno da cintura da filha, mas ela estava como que fixada tão fortemente à menina que era impossível separá-las. Apenas com a ajuda de vários soldados foi possível prender Esmeralda, que desmaiou.

O carrasco arrastou a moça para fora da cela e a mãe logo depois. Uma hora mais tarde, a justiça dos homens foi feita.

A reclusa não sobreviveu à sua desgraça, morrendo fulminada por um ataque do coração.

Quanto a dom Cláudio, ele também teve um fim trágico. Depois de ter descoberto que foi o arcebispo quem tirou Esmeralda do esconderijo e a entregou aos soldados, Quasímodo, enfurecido, jogou-o da parte superior de Notre-Dame. Cláudio Frollo, então, espatifou-se no pátio.

Febo de Châteaupers casou-se com a moça que tanto visitava.

Quasímodo desapareceu de Notre-Dame no dia da morte de Esmeralda e do arcebispo. Nunca mais foi visto, nem se soube de sua sorte.

Na noite que se seguiu ao suplício de Esmeralda, o corpo da jovem foi retirado e levado,

de acordo com a tradição, para a caverna de Montfaucon, onde eram jogados os infelizes executados nas forcas de Paris.

Quanto ao misterioso desaparecimento de Quasímodo, eis o que pudemos descobrir. Dois anos após esses acontecimentos, foram encontrados em Montfaucon dois esqueletos singularmente abraçados. Um deles, que era de uma mulher, ainda tinha um pedaço de tecido que havia sido branco, e se via em torno de seu pescoço um colar com um pequeno saquinho de seda que estava aberto e vazio. Tais objetos tinham tão pouco valor que o carrasco, sem dúvida, não os quis. O outro corpo, que abraçava fortemente o primeiro, era um esqueleto de homem. Percebia-se que ele tinha a coluna vertebral torta, a cabeça afundada nas omoplatas e uma perna mais curta que a outra. Não possuía, no entanto, nenhuma ruptura de vértebra na nuca, e era evidentemente o único que não tinha sido enforcado. O homem ao qual ele havia pertencido, portanto, morrera ali. Quando quiseram separá-lo do esqueleto que abraçava, desfez-se em poeira.

POR DENTRO DO TEXTO

Victor Hugo — perfil biográfico

Dizer apenas que Victor Hugo nasceu em Besançon, em 1802, e morreu em Paris, em 1885, é ter a ilusão de poder juntar dois pontos com uma simples linha reta. A vida deste cidadão francês foi intensa e turbulenta o suficiente para abranger a parte mais considerável do século XIX, que nas palavras do escritor era "grande e forte".

Filho de um general dos exércitos napoleônicos, Victor Hugo conheceu em vida o sucesso e desempenhou diversos papéis fundamentais na história da França — o que o levou a

ser enterrado no Pántheon, monumento destinado a acolher os grandes heróis do país.

Não lhe bastou ser um extraordinário escritor, colecionando sucessos, desde dramas como Cromwell (1827), passando por sua inesgotável produção de poesia — Vozes interiores (1837), Os castigos (1853), As contemplações (1856) — até a série de romances célebres como O corcunda de Notre-Dame (1831), Os miseráveis (1862) e Os trabalhadores do mar (1866).

Seu engajamento político e social foi dos mais genuínos. Em 1851, Luís Napoleão Bonaparte se transforma, por meio de um golpe de estado, em Napoleão III. Victor Hugo abandona os salões confortáveis da Academia Francesa para exercer oposição ao governante. Seguem 19 anos de exílio nos quais ele nunca deixou de criticar o poder monárquico e de denunciar as injustiças sociais.

De volta à França, aos 64 anos, ele toma partido dos derrotados na Comuna de Paris (1871), sendo eleito deputado e, posteriormente, senador, com ativa atuação política e literária até a morte, em 1885.

Notre-Dame de Paris ou o elogio medieval

Inúmeras traduções ao redor do mundo consagraram o nome de O corcunda de Notre-Dame para o romance de Victor Hugo, publicado em 1831, com o título de Notre-Dame de Paris. Tal escolha acaba por fazer com que a leitura eleja o sineiro Quasímodo como figura central do romance. Entretanto, uma observação mais atenta revelará que a grande personagem da obra, sem dúvida, é a própria catedral.

Como grande expoente do movimento romântico na Europa, que propôs um retorno aos valores medievais, Victor Hugo empreendeu um verdadeiro discurso a favor da valorização do

patrimônio arquitetônico e histórico dos franceses que estaria sendo destruído.

Mais do que um romance, o livro acaba funcionando também com uma espécie de panfleto político. Escrito em meio aos rescaldos da Revolução Liberal de 1830, o texto critica o tecido social de então: um clero corrupto e vil, uma justiça arbitrária e surda e uma sociedade desigual, repleta de miséria, ignorância e superstição. É esse o cenário que o escritor quer descortinar e que o homem político deseja alterar.

Curiosamente, a Catedral de Notre-Dame foi restaurada em 1859, conforme Victor Hugo preconizara.

A catedral

A Catedral de Notre-Dame foi construída entre 1160 e 1280 e é uma espécie de testemunha dos principais acontecimentos da história francesa. Danificada durante a Revolução Francesa, foi restaurada em meados do século XIX.

É a mais importante catedral gótica da Europa, o estilo característico da baixa Idade Média. O edifício apresenta arcos em forma de ogivas e o interior do templo é bastante iluminado, devido aos inúmeros vitrais espalhados por suas paredes.

A igreja abrigou a escola que daria origem à atual Universidade de Paris e hoje não é somente um símbolo cristão. Além do apelo turístico, Notre-Dame adquiriu um caráter ecumênico. As estátuas de Ecclesia e Sinagoga, simbolizando o cristianismo e o judaísmo respectivamente, ilustram bem as contradições medievais.

Os dois lados da aventura humana

As contradições do mundo são a marca registrada da obra. Os temas e os assuntos apresentados pela narrativa alternam o sagrado e o profano, a tragédia e a comédia, o sucesso e o infortúnio, a riqueza e a pobreza, o grotesco e o sublime. É como se cada dupla desta se constituísse em um único fio que se desdobra em duas pontas. Onde começa e termina cada extremidade é uma pergunta que somente a aventura da vida humana, registrada de modo muito especial pela literatura, pode responder.

Ao lado das celebrações religiosas, sérias e solenes, que ocupam o espaço da catedral, desfilam festas de caráter essencialmente popular, alegres, irreverentes e debochadas, como a Festa dos Loucos, por exemplo. A história alterna a vida trágica de Quasímodo e Esmeralda com os episódios de pura comicidade que envolvem o poeta Pierre Gringoire. Cenários opulentos e personagens ricos e bem-sucedidos misturam-se aos ambientes pobres por onde circulam mendigos e infelizes de toda sorte. Por fim, há momentos sublimes, de pura sensibilidade, como a dedicação de Quasímodo à cigana, o reencontro de Gúdula com sua filha ou a paixão de Esmeralda por Febo, que revelam um outro lado — ridículo, grosseiro, grotesco: o amor impossível de um sujeito caolho, manco e corcunda por uma bela jovem; o reencontro tão esperado entre mãe e filha e sua única consequência imediata, a morte de ambas; a paixão de uma cigana por um oficial para quem, na verdade, ela nunca passou de uma brincadeira inconseqüente.

O bode expiatório

É muito antiga a crença de que o sacrifício de algum animal poderia aplacar a ira dos deuses, fazendo diminuir o insucesso dos homens. Tal prática ancestral está na base do que hoje conhecemos como a figura do bode expiatório: uma pessoa sobre quem se faz recair as culpas alheias ou que acaba assumindo a responsabilidade por todas as desgraças ocorridas.

Ao longo da Idade Média, período em que ocorre a história do livro, aqueles considerados bruxos ou hereges eram levados à morte, pela forca ou fogueira, já que toda e qualquer diferença de pensamento ou crença deveria ser sempre reprimida. As execuções públicas atendiam a uma necessidade disciplinar: o sacrifício de alguns servia de modelo para todos.

Em *O corcunda de Notre-Dame* dois personagens assumem a função de bodes expiatórios perante os outros.

Quasímodo, por conta de sua deformidade física, é expulso do convívio social desde muito cedo. Quando eleito Papa dos Loucos (ritual muito parecido com a escolha do Rei Momo dos carnavais atuais), é aclamado e festejado por todos. Uma vez que é condenado — por uma justiça surda, diga-se de passagem —, vira alvo de escárnio e humilhação. É como se as personagens do romance não soubessem lidar com a feiúra e a limitação física, tratando-as somente por meio do deboche e da aversão.

Esmeralda é a jovem perseguida unicamente por ser uma cigana, embora no final da história se revele sua verdadeira origem. Linda e graciosa, é maltratada pelos outros e igualmente condenada pela justiça. Aqui, as demais personagens não sabem lidar com o belo e o estrangeiro, atribuindo-lhes todos os males possíveis.

A lógica do bode expiatório pode ser explicada socialmente até hoje pelos dois fatores

que motivam as massas: o sadismo e a necessidade da ordem. Encontrar culpados é diminuir a culpa de todos.

Organizador da coleção

Wellington Andrade nasceu em 1964, em Niterói (RJ), mas passou sua infância em São Paulo, onde descobriu o prazer de ler e de escrever na antiga escola paroquial em que estudou.

Dos 12 aos 21 anos, morou na cidade maravilhosa e aprendeu a amar também o teatro, outra de suas grandes paixões. Lá, estudou artes cênicas na Universidade do Rio de Janeiro, mas a vida deu algumas voltas e o trouxe de novo à Paulicéia.

Foi a vez, então, de estudar letras na Universidade de São Paulo, época em que também investiu seu tempo criando e realizando projetos culturais no Sesc Pompéia. Formado, deu aulas de português no ensino fundamental e ministrou oficinas literárias em diversas instituições.

Atualmente, ele é doutorando em literatura brasileira na USP e dedica-se às áreas de educação, cultura e edição. É professor de técnica de redação da Faculdade Cásper Libero e de literatura dramática do programa de pós-graduação em artes cênicas da Universidade São Judas Tadeu.

Entre suas principais realizações na área cultural destacam-se a organização de alguns ciclos de leituras dramáticas e a direção de recitais de literatura. No segmento editorial, coordenou para o Sesc a edição de um livro sobre Getúlio Vargas, além de publicações especiais.

Com os Clássicos adaptados Larousse, ele pretende voltar a ser adolescente, a fim de ler e reler todas as histórias da coleção como se fosse, sempre, pela primeira vez.